

No Mundo Maior

Na Jornada Evolutiva

Dos quatro cantos da Terra diariamente partem viajores humanos, aos milhares, demandando o país da Morte. Raros viveram nos montes da sublimação, vinculados aos deveres nobilitantes. A maioria constituiu-se de menores de espírito, em luta pela outorga de títulos que lhes exaltem a personalidade. Onde albergar a estranha e infinita caravana? Como designar a mesma estação de destino a viajantes de cultura, posição e bagagem tão diversa? Perante a Suprema Justiça, o malgache e o inglês fruem dos mesmos direitos. Provavelmente, porém, estarão distanciados entre si, pela conduta individual, diante da Lei Divina, que distingue a virtude e o crime, o trabalho e a ociosidade, a verdade e a dissimulação, a boa vontade e a indiferença. / A lógica e o bom senso nem sempre se harmonizam com argumentos teológicos imutáveis. / A missão de André Luiz é a de revelar os tesouros de que somos herdeiros na Eternidade, em cuja posse jamais entraremos sem aquisição de Sabedoria e de Amor. / Os ascendentes que nos presidem os destinos são de ordem evolutiva, pura e simples, com indefectível justiça a seguir-nos de perto. A morte a ninguém propiciará passaporte gratuito para a ventura celeste. Cada criatura transporá essa aduana da eternidade com a exclusiva bagagem do que houver semeado, e aprenderá que a ordem e a hierarquia, a paz do trabalho edificante, são característicos imutáveis da Lei, em toda parte. Ninguém, depois do sepulcro, gozará de um descanso a que não tenha feito jus, porque “o Reino do Senhor não vem com aparências externas”.

(Emmanuel)

1. Entre Dois Planos

Esplendia o luar, revestindo os ângulos da paisagem de intensa luz. A idéia de Deus envolvia-me o pensamento, arrancando-me notas de respeito e gratidão. A palavra do Assistente **Calderaro (C)** interrompeu-me a meditação: --‘A região do encontro está próxima.’ / Não viajávamos sem objetivo. Em breves minutos, partilharíamos os trabalhos do Instrutor **Eusébio**, abnegado paladino do amor cristão. *Superintendia prestigiosa organização de assistência em zona intermediária, atendendo a estudantes relativamente espiritualizados, ainda jungidos ao corpo carnal, e a discípulos recém-libertos do campo físico.* Calderaro a ele se referira com o entusiasmo do subordinado que se liga ao chefe, guardando o amor acima da obediência. O Assistente, a seu turno, prestava serviço na própria Crosta; especializara-se na ciência do socorro espiritual, que poderíamos chamar “psiquiatria iluminada”. O escopo da tarefa circunscrevia-se ao socorro imediato aos infelizes, evitando-se, quanto possível, a loucura, o suicídio e os extremos desastres morais. A bondade espontânea lhe era indício da virtude, e a inquebrantável serenidade revelava-lhe a sabedoria. // O vento passava cantando, em surdina; no recinto iluminado de claridades inacessíveis ao olhar humano, aglomeravam-se algumas centenas de companheiros, temporariamente afastados do corpo pelo sono. (C)‘O Instrutor Eusébio receberá estudantes de espiritualismo, em suas correntes diversas, que se candidatam aos serviços de vanguarda.’ / ‘Não se trata, pois, de assembléia, que agrupe indivíduos filiados indiscriminadamente às escolas da fé?’ / ‘Não. A heterogeneidade de princípios em centenas de indivíduos, cada qual com sua opinião, obrigaria a digressões difusas e desperdícios de oportunidades. A libertação pelo sono é o recurso imediato de nossas manifestações de amparo fraterno. A princípio, recebem-nos a influência inconscientemente; fortalecem a mente, devagarinho, gravando-nos o concurso na memória, apresentando idéias, inspirações beneficentes e salvadoras, através de recordações imprecisas. A modificação do plano mental das criaturas ninguém jamais impõe: é fruto de tempo, de esforço, de evolução. O progresso material atordoa a alma do homem desatento. Grandes massas há séculos permanecem distanciadas da luz espiritual. O acaso não opera prodígios. Qualquer realização há que planejar, atacar, por a termo. As asas sublimes da alma eterna não se expandem dos acanhados escaninhos de uma chocadeira. Há que trabalhar, brunir, sofrer’ / Nesse momento, Eusébio penetrava o recinto, ladeado por seis assessores, envoltos em halos de intensa luz. O abnegado orientador mostrava-se em plena maturidade espiritual; os olhos escuros e tranqüilos pareciam fontes de imenso poder magnético. Contemplava-nos sorridente, qual simples colega. Consolidada a quietude no ambiente, elevou a destra para o Alto e orou com inflexão comovedora: “Senhor da Vida, abençoa-nos o propósito de penetrar o caminho da Luz!... Somos Teus filhos, ainda escravos de círculos restritos, mas a sede do Infinito dilacera-nos os véus do ser. De nós mesmos, Senhor, nada podemos. Unidos, no entanto, ao Teu Amor, somos continuadores gloriosos de Tua Criação Interminável. Louvamos-Te a grandeza que não nos oprime a pequenez... Dilata-nos a percepção diante da vida, abre-nos os olhos enevoados pelo sono da ilusão, para que divisemos Tua glória sem fim!... Acorda-nos, Senhor da Vida, para a luz da oportunidade presente; fortalece-nos as mãos, para que os atritos da luta não as inutilizem; guia-nos os pés para o supremo bem! Poderoso Senhor, ampara-nos a fragilidade, corrige-nos os erros, esclarece-nos a ignorância, acolhe-nos em Teu amoroso regaço. Cumpram-se, Pai Amado, os Teus desígnios soberanos, agora e sempre. Assim seja.” / Partículas semelhantes a prata eterizada choviam no recinto. E, antes que o nobre mentor retomasse a palavra, agradei em silêncio a resposta do Céu, reconhecendo na prece não só a manifestação de reverência religiosa, senão também o recurso de acesso aos inesgotáveis mananciais do Divino Poder.

2. A Preleção de Eusébio

Ereto, incendiado o tórax de suave luz, falou o Instrutor, comovedoramente: “Enquanto vossas organizações fisiológicas repousam a distância, vossas almas quase libertas partilham conosco a fraternidade e a esperança, adestrando faculdades e sentimentos para a verdadeira vida. Não podereis guardar plena recordação desta hora, em virtude da deficiência do cérebro, incapaz de suportar a carga de duas vidas simultâneas; a lembrança de nosso entendimento persistirá, contudo, no fundo de vosso ser, orientando-vos as tendências superiores para o terreno da elevação. Não olvideis que a chama do próprio coração, convertido em santuário de claridade divina, é a única lâmpada capaz de iluminar o mistério espiritual, em marcha para a senda redentora e evolutiva. Cada qual tem à sua frente o serviço que lhe compete, como cada dia traz consigo possibilidades especiais de realização no bem. O Universo enquadra-se na ordem absoluta. Insta, pois, nos adaptemos ao equilíbrio divino, atendendo à função que nos cabe, em plena colmeia da vida. Desde quando fazemos e desfazemos, terminamos e recomeçamos, empreendemos a viagem reparadora e regressamos, perplexos, para o reinício? Utilizando corpos sagrados, perdemos, quais despreocupadas crianças, entretidas apenas em jogos infantis, o ensejo santificante da existência. Referimo-nos às multidões de almas indecisas, presas da ingratidão e da dúvida, da fraqueza e da dissipação, almas formadas à luz da razão, mas escravizadas à tirania do instinto. Por que não repressar o curso das paixões corrosivas que nos flagelam o espírito? Por que não sofrer o ímpeto de animalidade, em que nos comprazemos, desde os primeiros laivos de raciocínio? Esquecemos os cegos de Jericó, os paralíticos de Jerusalém, as crianças do Tiberíades, os pescadores de Cafarnaum, para afagar as testas coroadas dos triunfadores, embora soubéssemos que os vencedores da Terra não podem fugir à peregrinação ao sepulcro. Ainda hoje, decorridos quase vinte séculos sobre a cruz do Salvador, benzemos baionetas e canhões, em nome do Pai Magnânimo, que faz refulgir o sol da misericórdia sobre os justos e sobre os injustos. Até quando seremos gênios demolidores e perversos? Ao invés de servos leais do Senhor da Vida, temos sido soldados dos exércitos da ilusão, deixando à retaguarda milhões de túmulos, abertos sob aluviões de cinza e fumo. Foi assim que atingimos a época moderna, em que a loucura se generaliza e a harmonia mental do homem está a pique de soçobro. O desequilíbrio, a desarmonia generalizada, as moléstias da alma se ingerem, sutis, solapando-vos a estabilidade. Homens e nações perseguem o mito do ouro fácil; cérebros vigorosos perdem a visão interior, enceguecidos pelos enganos da personalidade e do autoritarismo. O trabalho salvacionista não é exclusividade da religião: constitui ministério comum a todos, porque dia virá em que o homem há de reconhecer a Divina Presença em toda parte. Se visitais a nossa companhia buscando orientação para o trabalho sublime do espírito, não vos esqueça vossa luz própria. É indispensável considereis a vossa necessidade de integração no dever de cada dia. Impossível é progredir no século, sem atender às obrigações da hora. Não basta crer na imortalidade da alma e no intercâmbio entre os dois mundos. Inadiável é a iluminação de nós mesmos, a fim de que sejamos claridade sublime. Importa elevar o coração, esquecer as ilusões da posse, dilacerar os véus espessos da vaidade, abster-se do letal licor do personalismo aviltante. Contemplai as estrelas que vos acenam de longe; todavia, não olvideis o campo das lutas presentes. O espiritualismo não pode restringir Deus entre as paredes de um templo, porque a nossa missão é converter toda a Terra no templo augusto do Senhor. Para a nossa vanguarda de obreiros decididos passou a fase da experimentação fútil, de investigações desordenadas, de raciocínios periféricos. Não nos dirigimos aqui aos que ainda sonham na clausura do “eu”. Falamos a vós outros, que sentis a sede de universalismo. Alimentemos a esperança renovadora. Não invoqueis Jesus para justificar anseios de repouso indébito. A Lei nos apreciará o mérito sempre de conformidade com as nossas próprias obras. Nosso ministério é de iluminação e de eternidade. A subversão de valores, a experiência social, o processo acelerado de seleção pelo sofrimento coletivo perturbam os tímidos e os invigilantes, que representam esmagadora maioria. Como atender a esses milhões de necessitados espirituais, se não receberdes a responsabilidade do socorro fraterno? Como sanar a loucura incipiente, se não vos transformardes em ímãs que mantenham o equilíbrio? Harmonia interior não é artigo de oferta e procura nos mercados terrestres, mas aquisição espiritual só acessível no templo do Espírito. Faz-se mister acendamos o coração em amor fraternal, à frente do serviço. Não bastará a crença que espera; indispensável é o amor que confia e atende, transforma e eleva. Sejam instrumentos do bem, acima de expectantes da graça. A tarefa demanda coragem e suprema devoção a Deus. Não busqueis o maravilhoso; a sede do milagre pode viciar-vos e perder-vos. Vinculai-vos, pela oração e pelo trabalho construtivo, aos planos superiores. Vencei os obstáculos utilizando a vontade e a perseverança. Cuidai em não transitar sem a devida prudência nos caminhos da carne, em que, muita vez, imitais a mariposa estouvada. Atendei as exigências de cada dia, rejubilando-vos por satisfazer as tarefas mínimas. Não intenteis o vôo sem haver aprendido a marcha. Impossível é o título de anjos, sem serdes, antes, criaturas ponderadas. Soberanas e indefectíveis leis nos presidem os destinos. Somos conhecidos e examinados em toda parte. As facilidades concedidas aos Espíritos santificados, que admiramos, são prodigalizadas a nós por Deus, em todos os lugares. O aproveitamento, porém, é obra nossa. O vôo espiritual, com que vos libertareis da animalidade, jamais o desferireis sem asas próprias. Procurai a paz interior na suprema tranqüilidade da consciência. Abandonai a ilusão, antes que a ilusão vos abandone. Deixai plantado o bem na esteira de vossos passos. Somente os servos que trabalham gravam no tempo os marcos da evolução. Regressando ao corpo de carne, valei-vos da luz para as edificações necessárias. Convertamo-nos em claridade redentora”. / Perorando, Eusébio proferiu bela e sentida prece. Encerrados os trabalhos, Calderaro conduziu-me ao Instrutor, que me acumulou de palavras de incentivo. Quando Calderaro se referiu aos meus projetos, mostrou Eusébio paternal sorriso, confortou-me e, despedindo-se, dirigiu ao Assistente expressivo olhar, acrescentando: --‘Dado ensejo, conduz-o ao serviço de assistência às cavernas.’

3. A Casa Mental

Na colônia espiritual que me recebera, vivíamos todos em intenso trabalho, com escassas horas reservadas a entretenimento; entretanto, a serenidade era nosso clima, e a paz, nossa dádiva de cada dia. Em suma, a passagem pelo sepulcro conduziu-nos a uma vida melhor; mas... e os milhões que transpunham o estreito limiar da morte, permanecendo apegados à Crosta Terrestre? Incalculáveis multidões desse gênero mantinham-se na fase rudimentar do conhecimento; guardavam da existência apenas a lembrança do campo sensitivo, reclamando reencarnação quase imediata, quando não lhes era possível a matrícula em nossos educandários de serviço e aprendizado iniciais. Por outro lado, verdadeiras falanges de criminosos e transviados agitavam-se, não longe de nós, depois de haverem transposto as fronteiras do túmulo; consumiam, por vezes, inúmeros anos entre a revolta e a desesperação, personificando horríveis gênios da sombra; mas sempre terminavam a corrida louca nos desvãos escuros do remorso e do sofrimento, penitenciando-se, por fim, de suas perversidades. **O arrependimento é, porém, caminho para a regeneração e nunca passaporte direto para o céu, razão pela qual esses infelizes formavam quadros vivos de padecimento e de horror. Quando errantes ou circunscritos aos vales de punição, aterravam sempre pelos espetáculos de dor e de miséria sem limites. Identificara numerosos deles em câmaras retificadoras, onde apresentavam sintomas de melhora quanto ao reconhecimento das próprias faltas. Os infelizes, a que aludimos, provinham, porém, de outras origens. Eram os ignorantes, os revoltados, os perturbadores e os impenitentes, de alma impermeável às advertências edificantes, os enfatuados e os vaidosos de todos os matizes, perseverantes no mal, dissipadores de energia anímica, em atitudes perversas diante da vida. Os traços fisionômicos de muitos desses desventurados pareciam monstruoso desenho, provocando ironia e piedade. Que lei regeria a estereotipação de suas formas? / Aproximei-me de Calderaro e expus-lhe minhas indagações íntimas. (C) ‘Para transformar-nos em legítimos elementos de auxílio aos Espíritos sofredores, **é-nos imprescindível compreender a perversidade como loucura, a revolta como ignorância e o desespero como enfermidade. O verbo gasto em serviços do bem é cimento divino para realizações imorredouras.** Conversemos, pois, servindo aos nossos semelhantes de modo substancial, e nosso lucro será crescente.’ // Penetramos vasto hospital, detendo-nos diante do leito de um enfermo, que o Assistente devia socorrer. Abatido e pálido, mantinha-se ele unido a deplorável entidade de nosso plano. Pareciam visceralmente unidos, dois prisioneiros de uma rede fluídica: pensamentos de um deles com certeza viveriam no cérebro do outro. Examinando o do encarnado, notei que suas irradiações continham diferenças essenciais. Cada centro motor assinalava-se com peculiaridades diversas. Toda **a província cerebral**, pelos sinais luminosos, **se dividia em três regiões distintas. Nos lobos frontais**, as zonas de associação eram quase brilhantes. Do **córtex motor**, até a extremidade da medula espinhal, a claridade diminuía, para tornar-se mais fraca nos **gânglios basais**. A entidade desencarnada, que não se dava conta de nossa presença, em virtude das vibrações grosseiras em que se mantinha, fixava toda a atenção no doente, como felino vigiando a presa. Observei-lhe estranha ferida na região torácica. Após metucioso exame, concluí que, à parte a configuração das peças e o ritmo vibratório, tinha sob os olhos cérebros quase idênticos. (C) ‘Depois da morte, o que há de mais surpreendente é o reencontro da vida. Aqui aprendemos que o organismo perispiritico, que nos condiciona em matéria mais leve e mais plástica, é fruto igualmente do processo evolutivo. Não somos criações milagrosas, destinadas ao adorno de um paraíso de papelão. O Eterno Pai estabeleceu como lei universal que seja a perfeição obra do cooperativismo entre Ele e nós, os seus filhos. Para adquirir movimento e músculos, faculdades e raciocínios, experimentamos a vida e por ela fomos experimentados, milhares de anos. **No sistema nervoso temos o cérebro inicial, sede das atividades subconscientes; figuremo-lo como o porão da individualidade. Na região do córtex motor, zona entre os lobos frontais e os nervos, temos o cérebro desenvolvido, de cujas energias se serve a nossa mente no atual momento evolutivo. Nos planos dos lobos frontais, jazem materiais de ordem sublime, representando a parte mais nobre de nosso organismo divino em evolução.** Assim, temos o cérebro como um castelo de três andares: no primeiro situamos a “residência de nossos impulsos automáticos”, sumário vivo dos serviços realizados; no segundo localizamos o “domínio das conquistas atuais”, onde se erguem as qualidades que estamos edificando; no terceiro, temos a “casa das noções superiores”, indicando as eminências que nos cumpre atingir. Distribuímos, nos três andares, **o subconsciente, o consciente e o superconsciente. Como vemos, possuímos em nós mesmos o passado, o presente e o futuro.**’ / ‘O cérebro de um desencarnado é suscetível de adoeecer?’ / ‘Antes de mais nada, assinalemos a impossibilidade de uma “psicologia equilibrada” sem uma “fisiologia harmoniosa”. Cuidas que a maldade deliberada não seja moléstia da alma? que o ódio não seja morbo terrível? supões que não haja “vermes mentais” da tristeza e da inconformação? O corpo perispiritual é, por ora, a nossa mais alta conquista, na Terra, no capítulo das formas. **O gênero de vida de cada um, no invólucro carnal, determina a densidade do organismo perispiritico após a perda do corpo denso. O cérebro é o instrumento que traduz a mente: através dele unimo-nos à luz ou à treva, ao bem ou ao mal.** Examinamos aqui dois enfermos: um, na carne; outro, fora dela. Espiritualmente, rolaram do terceiro andar; deixaram de acolher-se no segundo, sede do esforço próprio; caíram, destarte, na esfera dos impulsos instintivos, onde se arquivam as experiências da animalidade anterior. Estão loucos, embora o mundo não lhes vislumbre o supremo desequilíbrio.’**

4. Estudando o Cérebro

(C) ‘Há 20 anos, esse amigo pôs fim ao corpo físico do seu atual verdugo, num doloroso capítulo de sangue. Trabalhavam juntos, no comércio de quinquilharias. O homicida desempenhava as funções de empregado da vítima, desde a infância, e, atingida a maioridade, exigiu do chefe, que passara a tutor, o pagamento de vários anos de serviço. Palavras rudes, entre vibrações de cólera, inflamaram o cérebro do rapaz, que assassinou o outro, dominado por selvagem fúria. Correu ao cofre e retirou a importância a que se supunha com direito, deixando tudo o mais para despistar a polícia. Conseguiu ludibriar os homens, mas não pôde iludir a si mesmo. A entidade desencarnada, concentrando a mente na idéia de vingança, passou a segui-lo. Aferrou-se-lhe à organização psíquica à maneira de hera sobre muro viscoso. O criminoso desposou uma jovem de alma nobre, a qual lhe deu 4

filhinhos encantadores. Conservando, porém, as forças tenebrosas acumuladas em seu destino, desde a noite do assassinio, nosso desventurado amigo manteve enclausuradas no porão da personalidade todas as impressões destruidoras, recolhidas no instante da queda. A mente criminosa passou a fixar-se na região intermediária do cérebro, porque a dor do remorso não lhe permitia acesso à esfera superior do organismo perispiritico, onde os princípios mais nobres do ser erguem o santuário de manifestação da Consciência Divina. Vivendo mentalmente na região intermediária do cérebro, só sentia alguma calma agindo e trabalhando. Deitava-se, extenuado, levantando-se abatido e cansado de duelar com o perseguidor invisível. Provocou o desequilíbrio do perispírito, que se refletiu na zona motora, implantando-se o caos orgânico. / Contemplei, admirado, aquele maravilhoso mundo microscópico: tinha a impressão de que o córtex do enfermo era um robusto dínamo em funcionamento. (C) ‘Todo o campo nervoso da criatura constitui a representação das potências perispiríticas, vagarosamente conquistadas pelo ser, através de milênios. Em renascendo, nosso corpo sutil submete-se às leis de recapitulação, hereditariedade e desenvolvimento fisiológico, em conformidade com o mérito ou demérito que trazemos. O cérebro perispiritual é o órgão do pensamento. O encéfalo de um santo emite ondas diferentes das de um cientista. A célula nervosa é entidade de natureza elétrica. Há neurônios sensitivos, motores, intermediários e reflexos. A mente é a orientadora desse universo microscópico. Colocada entre o objetivo e o subjetivo, é obrigada pela Divina Lei a aprender, verificar, escolher, repelir, aceitar, recolher, guardar, enriquecer-se, iluminar-se, progredir sempre. Do plano objetivo recebe as influências da luta direta; da esfera subjetiva, a inspiração das inteligências afins e os resultados das criações mentais que lhe são peculiares. Se existe a química fisiológica, temos também a química espiritual. O Espírito mais sábio não se animaria a localizar o ponto onde termina a matéria e começa o espírito. Voltemos aos ascendentes em evolução. O princípio espiritual acolheu-se ao seio tépido das águas. Em milhares de anos, fez longa viagem na esponja, antes de ensaiar os alicerces do aparelho nervoso, na medusa, no verme, no batráquio. Quantos séculos consumiu aprimorando-se, ajudado pelas inteligências superiores? Impossível responder, por enquanto. O princípio espiritual, desde o momento da criação, caminha sempre para a frente. Viajou do simples impulso para a irritabilidade, daí para a sensação, para o instinto, para a razão. O cérebro é o órgão sagrado de manifestação da mente, em trânsito da animalidade primitiva para a espiritualidade humana. Em síntese, o homem das últimas dezenas de séculos, representa a humanidade vitoriosa, emergindo da bestialidade primária; somos Espíritos ainda pesados, por não havermos alijado o conteúdo de qualidades inferiores de nosso perispírito. Oscilamos entre a liberação e a reencarnação; nos dois lados da existência, o trabalho construtivo é a nossa bênção, aparelhando-nos para o futuro divino. Não devemos acreditar, porém, quanto a resgate e expiação, que a esfera carnal seja a única capaz de oferecer o bendito ensejo de sofrimento redentor. Em regiões sombrias, fora dela, há oportunidades de tratamento expiatório para os devedores mais infelizes, que voluntariamente contraíram perigosos débitos para com a Lei. O homem encarnado não conserva a plenitude das recordações do pretérito, em virtude da grande ascendência do corpo perispiritual sobre o mecanismo fisiológico. Nervos, córtex motor e lobos frontais constituem apenas regulares pontos de contato entre o perispírito e o aparelho físico. São como respiradouros das experiências elevadas da personalidade real, que não se extingue no túmulo, e que não suportariam a carga de uma dupla vida. Desempenham função amortecedora, atuando beneficentemente para que a alma encarnada trabalhe e evolua. Além disso, nascimento e morte são choques biológicos imprescindíveis à renovação. Em verdade, não há total esquecimento na Crosta Terrestre, nem restauração imediata da memória após a morte. Todos conservamos tendências e faculdades. Por outro lado, quem demasiado se materialize, no campo da carne, não pode reacender, de pronto, a luz da memória. A mente, o senhor do corpo, mesmo aqui, é acessível ao vício, ao relaxamento e às paixões arruinantes. Nervos, zona motora e lobos frontais, no corpo carnal, traduzindo impulsividade, experiência e noções superiores da alma constituem campos de fixação da mente encarnada ou desencarnada. A criatura estacionária na região dos impulsos perde-se num labirinto de causas e efeitos; quem se entrega ao esforço maquinal, sem consulta ao passado e sem organização de bases para o futuro, mecaniza a existência, destituindo-a de luz edificante; os que se refugiam exclusivamente no templo das noções superiores sofrem o perigo da contemplação sem obras, da meditação sem trabalho. Para que nossa mente prossiga na direção do alto é indispensável se equilibre, valendo-se das conquistas passadas para orientar o presente, e amparando-se na esperança que flui da fonte superior do idealismo elevado. // Calderaro fez aplicações magnéticas sobre o crânio do enfermo, e disse-me: --‘Temos aqui dois amigos de mente fixada na região dos instintos primários. O desencarnado converteu as energias em alimento da idéia de vingança, acolhendo-se ao ódio em que se mantém foragido da razão e do altruísmo. Como verificamos, Jesus-Cristo tinha sobradas razões recomendando-nos o amor aos inimigos e a oração pelos que nos perseguem e caluniam. Não é isto mera virtude, senão princípio científico de libertação do ser, de progresso da alma. No pensamento residem as causas. Época virá, em que o amor, a fraternidade e a compreensão, definindo estados do espírito, serão tão importantes quanto o pão, a água, o remédio.’ // Em breve, o doente se abandonava ao sono e, afastado do veículo denso, tomou-se de pavor ante o verdugo implacável. Observei que não notava a nossa presença. Contava que o Assistente os cumulasse de longas doutrinações, mas como guardasse silêncio, perguntei: --‘Por que os não socorrer com palavras de esclarecimento?’ (C) ‘Falaríamos em vão, André, porque ainda não sabemos amá-los como se fossem nossos irmãos ou filhos. A providência não foi, porém, esquecida. A irmã Cipriana (Ci), orientadora dos serviços de socorro do grupo em que opero, não pode tardar. Lembras-te de De Puysegur? Foi dos primeiros magnetistas que encontraram o sono revelador, em que era possível conversar com o paciente noutra estado consciencial que não o comum. Surgia nova terapêutica, para moléstias nervosas e mentais. “Neste lado” da vida, o fenômeno é corriqueiro; milhões de pessoas adormecem sob a influência magnética de amigos espirituais, a fim de ser auxiliadas nas resoluções inadiáveis.’ / ‘E por que não tentarmos o esclarecimento verbal?’ / ‘Porque, se o conhecimento auxilia por fora, só o amor socorre por dentro. E nós ambos, por enquanto,

apenas conhecemos, sem saber amar...' // Nesse momento, alguém assomou à porta de entrada: Oh! Era uma sublime mulher, revelando idade madura; nos olhos esplendia-lhe brilho meigo e enternecedor. Curvei-me, comovido e respeitoso. / Calderaro murmurou-me ao ouvido: 'É a irmã Cipriana, a portadora do divino amor fraternal, que ainda não adquirimos.'

5. O Poder do Amor

Calderaro apresentou-me. Fixou ela o triste quadro e disse ao Assistente: --'Felicitoo pelo socorro que vem prestando aos nossos infortunados irmãos.' (C)'Meu esforço foi quase nenhum, resumindo-se em meros preparativos.' (Ci)'Como atingiríamos o fim sem passar pelo princípio' / 'Ó irmã! O conhecimento pode pouquíssimo, comparado com o muito que o amor pode sempre.' / 'Sabe o Divino Senhor que estou a grande distância da realização que me atribui. Sou frágil e imperfeita. Estamos em cooperação fraternal na obra que pertence ao Altíssimo. Espero que se mantenham a postos, efetuando a maior porção do serviço, porque só atenderei aos singelos deveres que um coração materno pode desempenhar.' / E postou-se em atitude de oração. Sentia-lhe, enlevado, a sinceridade profunda, a humildade fiel. Gradativamente Cipriana se fazia mais bela. Circundava-a refulgente halo, cuja santidade senti dever respeitar. Perante a sua personalidade transfigurada, quase me prostornei, tal a emoção daquele minuto inesquecível. Estendeu as mãos para os dois desventurados, atingindo-os com seu amoroso magnetismo. Tocou-os de leve na região visual. O enfermo e o perseguidor passaram a ver-nos, com indescritível assombro. E, por julgar cada um de nós o que vê através do prisma dos conhecimentos adquiridos, cuidaram fossem visitados pela excelsa mãe de Jesus. O doente ajoelhou-se em pranto e clamou: --'Mãe dos Céus! Como vos dignais de visitar um criminoso como eu? Condoei-vos de mim, Senhora!...' / Cipriana acercou-se dele, de olhos faiscantes e húmidos: --'Pedro (P), filho meu, não sou quem julgas. Sou simplesmente tua irmã na eternidade; fui mãe na Terra, e sei quanto sofres. Por que razão pretendeste equilibrar a vida, provocando a morte? Como conciliar a justiça com o crime, quando sabemos que o verdadeiro justo é aquele que trabalha e espera no Pai, o Supremo Doador da Vida? Tens vivido desarvorado e desditoso, de alma agrilhoada à própria vítima, aprendendo que o mal jamais se coadunará com o bem e que a Lei cobra dobrados tributos àquele que se antepõe aos seus ditames sábios e soberanos. Como não te ocorreu, Pedro, a oração santificante? Como não te penitenciaste diante da vida, humilhando-te aos pés da tua vítima, no sincero propósito de regeneração? Mas, nunca é tarde para levantar o coração e curar a consciência ferida. Exausto de sofrer, cedeste à enfermidade e aproximas-te da loucura. Vimos ao teu encontro para estimular-te à regeneração. Quem se sentirá suficientemente puro e santificado para atirar a primeira pedra? Quem de nós terá passado incólume nas correntes do pântano? Entretanto, estacamos no caminho, renegamos o crime, ressoldamos com lágrimas os elos partidos pela nossa imprudência, e, cultivando o perdão e a humildade, aprendemos que só o amor salva e constrói para sempre. Interrompe a marcha da aflicção, reconsidera a atitude e faz novo compromisso perante a Justiça Divina.' / Cipriana abriu os braços maternos e acrescentou: --'Levanta-te e vem a mim. Sou tua mãe espiritual, em nome de Deus.' (P) 'Merecerei tamanha graça?' / 'Como não, filho meu? O Pai não nos responde às súplicas com palavras condenatórias.' / 'Mãe do Céu, ninguém na Terra jamais me falou assim...' // Via-se-lhe o alívio, através do semblante feliz. Voltei a Calderaro meu olhar comovido e notei que as lágrimas não brotavam exclusivamente dos meus olhos... (C)'Praza a Deus, André, possamos também aprender a amar, adquirindo o poder de transformar os corações.' // A emissária avançou para o verdugo, sustentando Pedro, como se fora um filho doente: --'Que fazes tu, Camilo (Ca), cerrado à comiseração?' / 'Que pode fazer uma vítima como eu, senão odiar sem piedade?' / 'Odiar? As vítimas inacessíveis ao perdão e ao entendimento soem ultrapassar a dureza e a maldade dos precitos, provocando horror e compaixão. A condição de vítima não te confere santidade. Há 20 anos instilas em torno de ti a peçonha da víbora. Onde esbarrarás, meu filho, com teus sentimentos desprezíveis?' // Dos olhos de Cipriana escorriam grossas lágrimas. Camilo vacilava entre a inflexibilidade e a capitulação. (Ci)'Calderaro, ajude-me a conduzi-los. Sigamos até ao lar de Pedro, onde Camilo atenderá nossos rogos.' / (C)'A irmã transportará Pedro, mas o outro, escravizado aos pensamentos inferiores e às intenções criminosas, é pesado de carregar: conduzamo-lo nós ambos.' // Em breves minutos penetrávamos confortável residência, onde uma senhora tricotava, junto de dois filhos pequeninos. A conversação era doce, cristalina; uma das crianças lembrava a oração que fizera pela saúde do pai. / Cipriana se dirigiu a Camilo: --'Nosso amigo subtraiu-te a vida física, noutra tempo, contraindo dolorosa dívida; entretanto, a voz deste menino devotado à prece não te sensibiliza o espírito? Este é o lar que Pedro o criminoso instituiu para criar o Pedro renovado... Se cometeu falta grave, tem feito o possível por erguer-se, numa vida nobre e útil. Cresceu no conceito dos amigos, galgou posição de abastança material; todavia, sabe agora que o dinheiro não soluciona problemas fundamentais do destino e que os elevados conceitos que possamos conseguir nem sempre correspondem à realidade. Quanto a ti, que fizeste? Não abrigas outro propósito senão o do extermínio. Vale a pena ser vítima, receber a palma santificante da dor, para descer tanto na escala da vida? ... Também nós, em época remotas, demoramos no desfiladeiro fatal a que te conduziste, aguardando o ensejo de ferir. No entanto, o Senhor Todo Misericordioso nos ensinou que a verdadeira liberdade é a que nasce da perfeita obediência às suas leis sublimes, e que só o amor tem suficiente poder para salvar, elevar e remir.' (Ca)'Quero ser bom, e, todavia, soffro! Por que Deus me deixou ao desamparo?' (Ci)'Quem de nós poderá apreender toda a significação do sofrimento? A dor, Camilo, expande a vida, o sacrifício liberta-a. Muitos tiram do sofrimento o óleo da paciência, com que acendem a luz para vencer as próprias trevas, ao passo que outros dele extraem pedras e acúleos de revolta, com que se despenham na sombra dos precipícios.' // Notando que o desventurado chorava, Cipriana continuou: --'Chora! Desabafa-te! O pranto da compunção tem miraculoso poder sobre a alma ferida.' / Recolheu Camilo nos braços, conservando os contendores conchegados ao peito, e prosseguiu: --'Comentas o mal que te feriu, invocas a Providência com

expressões desrespeitosas... Ó, meu filho, cala o dom de falar, quando não pudeses servir ao bem! Vivi igualmente na Terra e não padeci quanto devia, considerando o tesouro da iluminação espiritual que recebi do Céu pela dor. Concedera-me o Senhor da Vida Triunfante, um dia, todas as graças da saúde e da mocidade, retomando, em seguida, esses bens, que eu guardava por empréstimo. Privou-me dos entes queridos, desfez-me o equilíbrio orgânico, enviou-me a fome e a dor; no entanto, quando a minha solidão se fez amarga e completa, minha fé elevou-se mais clara e viva... Que necessitava eu, miserável mulher, senão padecer, para santificar a esperança? // Foi, então, a vez de Camilo ajoelhar-se; do tórax de Cipriana partia radioso feixe de luz que lhe atravessava o coração. O infeliz, beijando-lhe a destra, disse: --'Sim! Não me falaríeis desta maneira se não me amásseis! Não são vossas palavras que me convencem..., senão o vosso sentimento que me transmuta! Mãe do Céu, libertai-me de minhas próprias paixões! Quero partir, esquecer, empenhar-me na luta regeneradora!' / Cipriana, num triunfante sorriso de ternura materna, enlaçou o ex-perseguidor, murmurando: --'Abençoado sejas tu, que ouviste o apelo do perdão redentor. Que o Pai te abençoe para sempre! Vamos! A Providência oferece trabalho regenerativo a todos nós...' / (C)'O coração que ama está cheio de poder renovador. Disse Jesus que existem demônios somente suscetíveis de regeneração "pelo jejum e pela prece". Às vezes o conhecimento não basta: há que ser o homem animado da força divina, que flui do jejum pela renúncia, e da luz da oração, que nasce do amor universal.' // Pedro despertava a sorrir, melhorado, quase feliz. Compreendi que a mulher, santificada pelo sacrifício e pelo sofrimento, se converte em portadora do Divino Amor Maternal, que intervém no mundo para enobrecer o sentimento das criaturas.

6. Amparo Fraternal

Noite fechada, encontramos-nos à porta de aposento modesto, em sanatório humilde. Gentil irmã nos aguardava no limiar. (C)'E Cândida, como passa?' / 'Muito bem. Irmã Cipriana recomendou-me vigiá-la para que o desenlace se realize placidamente.' // Entramos. No leito, uma senhora prematuramente envelhecida aguardava a morte. **Cândida (Câ)** prendia-se ainda ao corpo por fios muito frágeis. Pela doce luz que lhe nimbava a fronte, emitida por sua própria mente, eu lhe observava a grandeza dalma, o sereno otimismo. Uma jovem de rosto pálido acariciava-lhe os cabelos grisalhos. (C)'É a filha a despedir-se. Ouçamo-las.' / (Câ)'**Julietta (J)**, minha filha, tenha cuidado consigo. Receio deixá-la entregue aos embates do mundo, sem mãos amigas. Meus filhos abandonaram-nos. Estamos sozinhas e precisamos pensar. Noto-a perturbada e aflita nos últimos dias...' (J)'Não se aflija, mamãe! Temos o necessário. Estou trabalhando.' / 'Mas a costura rende tão pouco! Onde está o **Paulino**?' / 'Não sei, mamãe.' / 'Desejaria vê-lo. Temo partir de um momento para outro. Se eu morrer, não se deixe arrastar pelas tentações. Não há fortuna maior que a consciência tranqüila. Sabe o Senhor os motivos de nossos sofrimentos e privações, e só nos cabem razões para louvá-Lo; de nós pede apenas um coração singelo e uma vida pura. Conforme-se, filhinha, com os desígnios divinos, no turbilhão das provas humanas, e não desanime!' (J)'Ó mamãe! Estaremos sempre juntas. A senhora não morrerá. Tudo passará. Tenhamos fé!' / Beijaram-se, comovidamente, e Julieta afastou-se. / (C)'Cândida enviuvou muito moça, com três filhos: dois rapazes e Julieta. Os filhos varões, a quem revoltava a pobreza do lar materno, abandonaram-na, buscando centros distantes. Ela perseverou na existência singela, iniciando a filha nos trabalhos de agulha. Depois de alguns anos de provações mais rudes, caiu extenuada. Hospitalizada, sofreu diversas intervenções, sem resultados apreciáveis. A princípio, Julieta conseguiu satisfazer às exigência financeiras; depois, louca de angústia, bateu a todas as portas, e todas permaneceram seladas. Finalmente, cedeu a insidioso convite: passou a cantar e dançar à noite, numa casa de diversões. Atraída pelas propostas de um homem, aquele mesmo Paulino, aceitou-lhe a proteção prematura, porém ocultando a realidade aos olhos maternos. As aflições alteraram-lhe, porém, a saúde: recordando os exemplos da mãe, experimentava atozes perturbações conscienciais. No entanto, as preces maternais acompanhavam-na, através do escabroso caminho.' // Segui o orientador até o aposento em que Julieta lhe receberia o socorro à organização psíquica em desvario. Acolhera-se a jovem num divã, em pranto convulsivo. Torturantes pensamentos se lhe entrechocavam no cérebro. Notei que daí vibrações pesadas, de cor escura, desciam para o aparelho respiratório, sendo assimiladas pelo sangue; depois, voltavam ao cérebro, acumulando-se próximo da substância cinzenta. (C)'A mente desvairada emite forças destrutivas, que atacam, em primeiro lugar, o cosmo orgânico do emissor. Decidindo-se Julieta por um gênero de vida que lhe provoca contínuos conflitos na mente, passou a despedir energias fatais para ela mesma. Nesse atrito incessante, agravado pelas péssimas emissões fluídicas do ambiente, de que se tornou freqüentadora habitual, sua mente desce à região dos impulsos instintivos. Tal situação impede a prece fervorosa, santificante e regeneradora; daí o caos em que tateia. Pela permanente angústia, faz demasiada pressão sobre a matéria cinzenta, dando causa a lamentáveis desequilíbrios orgânicos: avizinha-se da loucura. Mas... a justiça divina jamais desconhece a compaixão. Somente quando nos mergulhamos no total eclipse do amor e da razão, mantendo-nos nas trevas do ódio e da negação, defrontamos com absoluta dificuldade de receber influências salvadoras. Se a jovem não pode elevar-se a plano superior, a mãezinha permanece em poderosas orações transformadoras. Caiu a filha para socorrer-lhe o corpo, mas Cândida alcançou-se mais por salvar-lhe a alma. Em vista disto, o amoroso poder de Cipriana agirá esta noite.' / Calderaro subtraiu certa quantidade de material escuro acumulado no cérebro, mas, como deixasse um tanto, indaguei a causa. (C)'Tenho instruções: Julieta não deve receber hoje concurso integral. Precisa manter-se enferma, de modo a ausentar-se das noitadas. Em breves horas será conduzida, com Paulino, em espírito, ao quarto de Cândida, onde a irmã Cipriana pretende dirigir-se a ele.' [Mais uma vez, admirei a ordem imanente na esfera do espírito.] / Permutávamos impressões, quando dois irmãos de nosso plano penetraram o quarto, conduzindo Julieta e Paulino. Diante de Cipriana, que sustentava a enferma nos braços carinhosos, ajoelharam-se ambos instintivamente. (Ci)'Paulino, falote em nome da Divina Justiça. Que o Senhor te abençoe, a fim de que me ouças com os ouvidos da razão! Escuta! Que fazes da mocidade? uma simples aventura dos sentidos? Dignifica a tua existência de homem, honrando o

sacerdócio feminino. Não vieste ao mundo simplesmente para gozar. A vida, meu amigo, é abençoado colégio de iluminação renovadora. Que motivos te impelem a um condenável procedimento? És bom e útil, inteligente e nobre. Por que te furtas à responsabilidade santificante? // Nesse momento, Paulino, que chorava sob insopitável comoção, emitiu pensamentos que se fizeram claros para nós: --‘Não hesitaria quanto ao casamento, mas conhecera Julieta num círculo de pessoas menos responsáveis. Não seria prudente defender-se?’ (Ci) ‘Enquanto diligenciavas mera distração para a mente ociosa, Julieta vivia humilhações, tentando ganhar o remédio necessário à mãezinha enferma... Como absolver a ti mesmo e condená-la? Coopera no resgate da mulher que não te surgiu no caminho por acaso. O amor e a confiança não constituem obra do improviso: crescem com a luta e consolidam-se nos séculos. A simpatia, no mais das vezes, é a realização de milênios. Não te aproximarias de Julieta, com tamanho apego, se ela não figurasse em teu pretérito espiritual. Dedicar-te a ela, salva-a da loucura e da inutilidade! É mais nobre dar que receber, mais belo amar que ser amado, mais divino sacrificar-se que extorquir alheios sacrifícios. Vem a nós, Paulino! Não permitas que o amor se perverta em tua alma. Santifica-o com a responsabilidade!’ / Ele ergueu os olhos lacrimosos e declarou: --‘Recebo a vossa palavra como se fora a de minha Mãe Celestial. Fazei de mim o que vos aprouver. Estou pronto...’ // Cipriana suprimiu a maior parte das forças da doente. Foi reclamada a presença da filha, que compareceu, acompanhada de Paulino. / *Como é belo verificar a influência do plano superior sobre os companheiros terrestres! Como haviam procedido nas horas de sono, ajoelharam-se ambos.* Cândida falou-lhes de suas angústias e apelou para o cavalheirismo de Paulino, que não a deixou continuar: --‘Dona Cândida, amanheci com um propósito irremovível: Julieta e eu nos casaremos, dentro de poucos dias. Fique descansada. A partir de agora, sou também seu filho...’ / Cândida, amparada por Cipriana, lhes uniu as mãos, num gesto simbólico. Foi seu derradeiro movimento no corpo exausto.

7. Processo Redentor

Retirando-nos do hospital, em noite que precedeu à desencarnação de Cândida, o Assistente observou: -- ‘Não temos tempo a perder. *Nosso esforço tem por especial escopo impedir a consumação dos processos tendentes à loucura. A rede de amparo espiritual, neste sentido, é quase infinita. Se à investigação do conhecimento basta o valor intelectual, o problema religioso demanda altas possibilidades de sentimento. À vista disto, inúmeras legiões de auxiliares invisíveis ao olhar humano se desdobram em toda parte, socorrendo os que sofrem.*’ / ‘Como se opera a administração de tais auxílios? Indiscriminadamente?’ / ‘Não, o senso de ordem preside-nos à atividade. Quase sempre é a força intercessória que determina a ajuda. A prece, representada pelo desejo não manifestado, pelas aspirações íntimas ou pelas petições declaradas, é, a rigor, o ascendente de nossas atividades. Não aludimos a orações ou a aspirações de correntes idealísticas determinadas: o dístico não interessa. Colaboramos com o Espírito eterno, independentemente de fórmulas, dogmáticas ou não.’ // Atingimos residência simples. (C) ‘Temos aqui companheiro de outras épocas, reencarnado em dolorosas condições. Assisto-lhe a mãezinha, cuja saúde está periclitando, em virtude da horrível estrutura orgânica do filho, a ela encadeado há muitos séculos. Considerando-lhe o nobre costume da oração em horário prefixado, valemo-nos dessas ocasiões para vir-lhe em amparo.’ // O magro doentinho repousava, choramingando. Cercavam-no duas entidades tão infelizes quanto ele mesmo. (C) ‘É paraplético de nascença, primogênito, e conta 8 anos na nova existência. Não fala, não chega a sentar-se, vê muito mal, quase nada ouve; *psiquicamente*, porém, *tem a vida de um sentenciado sensível, a cumprir severa pena, lavrada, em verdade, por ele próprio.* Há dois séculos, decretou a morte de muitos compatriotas, numa insurreição civil. Viveu nas regiões inferiores inomináveis suplícios. Inúmeras vítimas já lhe perdoaram os crimes. A malta reduziu-se, por fim, a estes dois últimos inimigos, em processo final de transformação. *Com as lutas acremente vividas, em sombrias e dantescas furnas de sofrimento, conseguiu a presente reencarnação com o propósito de completar a cura efetiva.*’ / Verifiquei que o pequeno paraplético mais se assemelhava a um descendente de símios aperfeiçoados. (C) ‘O Espírito não retrocede; todavia, as formas de manifestação podem sofrer degenerescência. Todo mal e todo bem praticados impõem modificações em nosso quadro representativo. Nosso amigo envenenou para muito tempo os centros ativos da organização perispiritual. Os pensamentos de revolta e vingança vergastaram-lhe o perispírito por mais de 100 anos consecutivos, como choques de desintegração da personalidade; é que os adversários implacáveis compeliram-lhe a mente a fixar-se nos impulsos automáticos, no império dos instintos. Os abusos da razão e da autoridade constituem faltas graves ante o Eterno Governo de nossos destinos. Semeou o mal, e colhe-o agora. Também os míseros perseguidores são duendes do ódio e da vingança, como nosso enfermo é um remanescente do crime. Voltarão ao Sol da existência, como irmãos do antigo adversário, por intermédio de um coração de mulher que compreendeu com Jesus o valor do sacrifício. Beijarão o velho inimigo com afeto e, chegado esse tempo, a força do perdão restituirá nosso doente à liberdade. Até lá, importa zelar pela valorosa mulher que é essa, vestalina senhora deste lar, em quem as Forças Divinas respeitam a vocação para o martírio, por iluminar a vida e enriquecer a obra de Deus.’ / Um dos verdugos tocou o cérebro do doentinho, emitindo substância semelhante a piche, acentuando-lhe as impressões de pavor. (C) ‘*Se o amor emite raios de luz, o ódio arremete estiletos de treva. Nos lobos frontais recebemos os “estímulos do futuro”, no córtex abrigamos as “sugestões do presente”, e no sistema nervoso, propriamente dito, arquivamos as “lembranças do passado”.* Nosso pobre amigo está sendo “bombardeado” por energias destrutivas na região dos “serviços do presente” e compelido a descer, mentalmente, para a zona de “reminiscências do passado”, onde seu comportamento é inferior, raiando pela semi-inconsciência dos estados evolucionários primitivos: seu padrão de comportamento é efetivamente sub-humano. A maioria dos casos de alienação mental decorre da ausência voluntária ou involuntária da alma à realidade.’ / ‘Não estamos, porém, diante de um caso típico de mongolismo?’ / ‘Acompanhamos um fenômeno de desequilíbrio espiritual absoluto. Em situações raras, teremos perturbações dessa natureza com causas essencialmente fisiológicas. Impossível é desconhecer, na esfera carnal, o paralelismo psico-físico. Contudo, analisamos agora o domínio das causas... A medicina humana batiza as

moléstias mentais como lhe apraz, detendo-se em questões de periferia, distraída dos problemas fundamentais do espírito.’ // A mãezinha acercou-se do enfermo, levantou-o, cuidadosa, e abraçou-o com o mais terno dos carinhos. O menino aquietou-se, enquanto a genitora entrou a orar, banhada em lágrimas. *Calderaro operava, reparando-lhe as forças nervosas em verdadeira transfusão de fluidos sadios. A jovem senhora ponderava: --‘Por que nasciam crianças com a destinação de tamanha angústia? Por que o martirologio dos seres pequeninos?’* (C)‘*Desejas responder à rogativa, em nome da Inspiração Superior?’ / ‘Oh! Não!’* [Declinei do convite, alegando que isso me era impraticável, depois de ouvir a Irmã Cipriana renovando corações com o verbo inflamado de amor.] / ‘*Aqui, porém, não falaremos a corações que odeiam, e sim a torturado Espírito materno, que reclama estímulo fraternal. O conhecimento e a boa vontade podem fazer muito. É necessário diplomar-se também na ciência do amor. Começemos a ser irmãos uns dos outros, com sinceridade e fiel disposição de servir.*’ / O abnegado amigo colocou as mãos sobre os lobos frontais dela, como atraindo a mente materna para a região mais elevada do ser, e passou a irradiar tocantes apelos, que a mãezinha recebia em forma de idéias e sugestões superiores. Contemplou o pequeno através de espesso véu de pranto e *ouvi-lhe os pensamentos sublimes: --‘Sim, Deus não a abandonaria; dar-lhe-ia forças para cumprir até ao fim o cometimento que tomara a ombros, com a beleza do primeiro sonho e a ventura da primeira hora. Seu amor avultaria com os padecimentos do filhinho muito amado; seus sacrifícios de mãe seriam mais doces, toda vez que a dor o visitasse com maior intensidade.’* / Num transporte de carinho, beijou o doentinho nos lábios, com o júbilo de quem osculasse um anjo. Vi, surpreendido, que centelhas de luz se desprendiam do contato afetivo e se derramavam sobre as duas entidades inferiores, que se inclinaram também, como que menos infelizes, perante aquela nobre mulher que mais tarde lhes serviria de mãe. (C)‘*Examinando essa criança sofredora, médicos insensatos lembrarão talvez a “morte suave”; ignoram que, entre as paredes deste lar modesto, o Médico Divino, utilizando um corpo incurável e o amor, até ao sacrifício, de um coração materno, restitui o equilíbrio a Espíritos eternos, a fim de que sobre as ruínas do passado possam irmanar-se para gloriosos destinos.*’

8. No Santuário da Alma

Noite fechada. Penetramos casa confortável, onde o instrutor me proporcionaria esclarecimentos novos sobre desequilíbrios da alma. (C)‘*Não é caso tão grave quanto o paraplégico que visitamos. Há muito assisto Marcelo (M) com fluidos reconfortantes. Dócil à nossa influência, encontrou na prece e na atividade espiritual o suprimento de energias de que necessitava. O problema da perturbação essencial já está resolvido, mas perseveram ainda as recordações, os remanescentes dos dramas vividos no passado, aflorando sob a forma de fenômenos epileptóides. Se o mal demanda tempo para fixar-se, é óbvio que a restauração do bem não pode ser instantânea.*’ / Após atravessar o pórtico, dirigimo-nos, devidamente autorizados, ao interior. *Um cavalheiro, uma senhora e um rapaz achavam-se imersos nas divinas vibrações da prece, cercados de amigos do nosso plano. Recebidos amorosamente, passamos a colaborar nos trabalhos. Com a valiosa cooperação daqueles três companheiros encarnados, prestavam-se, a irmãos recém-libertos da Crosta, reais auxílios.* (C)‘*A família é uma reunião espiritual no tempo; o lar é um santuário. Quando dois ou três de seus membros apreendem a grandeza das suas possibilidades de elevação, congregando-se intimamente para as realizações do espírito eterno, são de esperar maravilhosas edificações.*’ // Após os trabalhos, o trio familiar entrou em carinhosa conversação, respondendo o jovem a uma indagação paterna: --‘*A proporção que me esforço no conhecimento das verdades divinas, buscando aplicação prática das lições recebidas, sinto que me reforço intimamente, recuperando a saúde perdida. Porém, se me desinteressa da edificação espiritual, voltam as perturbações com intensidade. Consagrando-me, assíduo, à tarefa espiritualizante, reconheço que os passes de mamãe são mais eficientes. Observo que a boa vontade é fator decisivo em meu bem-estar.*’ / (C)‘*Marcelo tem, como quase todos nós, um pretérito intensamente vivido nas paixões e excessos de autoridade. Exerceu enorme poder que não soube usar em sentido construtivo, precipitando-se em caprichos criminosos. Chegada a hora da colheita, experimentou sofrimentos atrozés. Inúmeras vítimas o esperavam além do sepulcro, e arremeteram contra ele. Saciaram velhos propósitos de vingança, seviciando-lhe a organização perispiritual. A ansiada libertação demorou muitíssimo, porque o remorso é sempre o ponto de sintonia entre o devedor e o credor.*’ / ‘*Isso quer dizer que o fenômeno epileptóide...*’ / ‘*...mui raramente ocorre por meras alterações no encéfalo, e, geralmente, é enfermidade da alma. Céu e inferno, em essência, são estados conscienciais. Marcelo suplicou a reencarnação, a fim de resgatar os enormes débitos, colaborando no bem e na evolução dos inimigos de outrora. Caracteriza-se, desde menino, pela bondade e obediência, docilidade e ternura naturais. Logo que se lhe consolidou a posse do patrimônio físico, ultrapassados os 14 anos, passou a rememorar os fenômenos vividos, e surgiram-lhe as chamadas convulsões epiléticas. O rapaz encontrou os antídotos necessários, refugiando-se na “residência dos princípios nobres”, pelo hábito da oração, pelo entendimento fraterno, pela prática do bem e pela espiritualidade superior. Limitou a desarmonia neuro-psíquica, reconquistando o próprio equilíbrio, dia a dia, mobilizando as armas da vontade. Recebendo a luta com serenidade e paciência, instalou em si mesmo valiosas qualidades receptivas, favorecendo-nos o concurso. Vem sendo o médico de si mesmo, única fórmula em que o enfermo encontrará a própria cura.*’ // Marcelo retirou-se para seu quarto, com a mente em pensamentos de paz e gratidão a Deus. Adormeceu e logo vinha ter conosco, saudando Calderaro com carinho. Ia a conversação a meio, quando dois vultos sombrios cautelosamente se aproximaram de nós. O nosso interlocutor perdeu visivelmente a calma, as idéias se lhe baralharam no cérebro perispiritual e ele correu desabalado para o corpo. (C)‘*A simples reaproximação dos inimigos de outra época altera-lhe as condições mentais. Teme o regresso à situação dolorosa em que se viu, nas esferas inferiores, e busca o único refúgio de que dispõe.*’ // Abracei-o como a um filho querido. O ataque amainou, sem cessar de todo. *Por que motivo a perturbação, se nos mantínhamos em salutar atmosfera de santificantes pensamentos? Notei que a luz habitual dos centros endócrinos empalidecera, persistindo somente a*

epífise a emitir raios anormais. Os vários centros motores, inclusive os da memória e da fala, jaziam desorganizados, inânimes. (C) ‘Lembras-te dos reflexos condicionados de Pavlov? O caso de Marcelo verifica-se em consonância com os mesmos princípios. Desarranjou os centros perispirituais; as zonas motoras, simbolizando a moradia das “forças conscientes”, em sua atualidade, constituem uma “região perispiritual em convalescença”. Ao se reaproximar de velhos desafetos, sujeita-se a violentos choques psíquicos.’ [Eu compreendia agora a impossibilidade de uma psiquiatria sem as noções do espírito.] (C) ‘Impossível é pretender a cura dos loucos à força de processos exclusivamente objetivos. É indispensável penetrar a alma, devassar o cerne da personalidade, melhorar os efeitos socorrendo as causas; não restauraremos corpos doentes sem os recursos do Médico Divino das almas, que é Jesus Cristo. É mister intervir na origem das perturbações. Pessoas irascíveis, pelo hábito de se encolerizarem facilmente, viciam os centros nervosos fundamentais pelos excessos da mente sem disciplina. O homem, pela sua conduta, pode vigorar a própria alma ou lesá-la. Ao topar com irmãos sob o domínio de lesões perispiríticas, conseqüências vivas de seus atos, exaradas pela Justiça Universal, é indispensável remontar à origem das perturbações. Isso se fará não a golpes verbalísticos de psicanálise, senão socorrendo-os com fraternidade e amor.’ // Nesse instante, Marcelo se erguia e nos abraçava comovido. (M) ‘Então, fraquejei e caí...’ (C) ‘Oh! Não! Não te sintas em queda. Estás ainda em tratamento; há que aguardar a contribuição do tempo.’ / ‘Acredita o meu benfeitor que deva optar pelo uso de hipnóticos?’ / ‘Não. O remédio mais eficaz consiste na fé positiva, na auto-confiança, no trabalho digno, em pensamentos enobrecedores. Permanecendo na zona mais alta da personalidade, vencerás os desequilíbrios dos departamentos mais baixos.’ / O rapaz osculou-lhe as mãos enternecidamente.’ (C) ‘Nada fizemos por merecer o reconhecimento de qualquer criatura. Somos não mais que trabalhadores imperfeitos em serviço. Todos temos um credor em Jesus. Já lhe ouviste a palavra celestial, abandonando o mal, “para que te não suceda coisa pior”. Trabalhem com Ele, por Ele e para Ele, curando nossos males para sempre.’

9. Mediunidade

‘Os reflexos condicionados não se aplicariam, igualmente, a diversos fenômenos medianímicos? Não elucidavam as mistificações inconscientes?’ (C) ‘A tese animista é respeitável; nasceu para coibir abusos da imaginação. Entretanto, vem sendo usada cruelmente. O animismo se converteu em Cérbero [cão de três cabeças, que guardava o inferno greco-romano]. Recolhidos ao castelo teórico, inúmeros amigos nossos não aceitam comumente os servidores, que hão de crescer e aperfeiçoar-se com o tempo e com o esforço; exigem meros aparelhos de comunicação. Nenhuma árvore nasce produzindo; a mediunidade tem, pois, sua evolução, seu campo, sua rota. Daí, André, nossa preocupação com a tese animista, que pretende enfeixar toda a responsabilidade do trabalho numa cabeça única, a do instrumento mediúnico. Os reflexos condicionados enquadram-se no assunto; entretanto, cumpre-nos investigar domínio de mais graves apreciações. Ninguém receberá as bênçãos da colheita, sem o suor da sementeira. Nossos amigos exigem faculdades completas. Figuremos o médium como sendo uma ponte a ligar duas esferas; para ser instrumento relativamente exato, é-lhe imprescindível haver aprendido a ceder, aquisição que reclama devoção à felicidade do próximo, elevada compreensão do bem coletivo, e serena superioridade nos atritos com a opinião alheia. Faz-se mister o refúgio frequente à “moradia dos princípios superiores”. A vanguarda impõe-lhe a soledade e a incompreensão. Temos de adquirir para podermos dar. Ninguém pode ensinar caminhos que não haja percorrido. Nasce daí a necessidade de fixação das energias instrumentais no santuário mais alto da personalidade. Por isto, consideramos que a mediunidade mais estável e mais bela começa no império da intuição pura. No mediunismo comum o colaborador servirá com a matéria mental que lhe é própria, sofrendo-lhe as imprecisões naturais; e, após adaptar-se aos imperativos mais nobres da renúncia pessoal, edificará, não de improviso, mas à custa de trabalho incessante, o templo interior de serviço. Esse é o característico da instrumentalidade espiritual; é impossível alcançá-lo de vez: toda obra impõe começo. Há milhões de seres humanos de mente fixa na região menos elevada dos impulsos inferiores, absorvidos pelas paixões instintivas, pelos remanescentes do pretérito envilecido, presos aos reflexos condicionados das comoções perturbadoras. O perispírito, constituído de elementos mais plásticos e sutis, ainda é edifício material de retenção da consciência. Tal o estado mental que alimentamos, tais as inteligências que atraímos. Amor e sabedoria são substâncias divinas que nos mantêm a vitalidade. Mediunidade é elevação de nossas qualidades receptivas para alcançarem a necessária sintonia com os mananciais da vida superior. Não é serviço que possamos organizar da periferia para o centro e sim do interior para o exterior.’ // Calderaro convidou-me ao serviço de assistência a dedicada senhora, médium em processo de formação, dizendo que observaríamos os obstáculos criados pela tese animista. Companheiros reunidos em sessão íntima, consagravam-se ao serviço da oração e do desenvolvimento mediúnico. Recebeu-nos atencioso colega, que fora igualmente médico. (C) ‘Ainda não lhe ouviram os apelos, por intermédio de Eulália?’ / ‘Não. Sempre a mesma suspeita de animismo, de mistificação inconsciente...’ // Enquanto nosso conhecido se abeirava de uma distinta senhora, ensaiando a transmissão de mensagem, Calderaro observou-me: -- ‘Aqui, oito pessoas se encontram na posição de médiuns, pela passividade que demonstram. Nossa colaboradora não se liga a ele através de todos os seus centros perispiríticos; não é capaz de elevar-se à mesma freqüência de vibração do comunicante; não possui suficiente “espaço interior”. Eulália manifesta, contudo, um grande poder, o da boa vontade criadora. É a porta pela qual se entenderá com o médico desencarnado. Ele se valerá, acima de tudo, da comunhão mental, reduzindo ao mínimo a influência sobre os centros neuro-psíquicos; é que, em matéria de mediunismo, há tipos idênticos de faculdades, mas enorme desigualdade nos graus de capacidade receptiva.’ // Circulei a mesa e vi que os raios de força positiva do mensageiro incidiam em oito pessoas: o tema central, referente a assistência a enfermos, alcançava o cérebro dos que se conservavam em atitude passiva. Cada irmão recebia o influxo sugestivo, que logo provocava a livre associação dos psicanalistas. Um cavalheiro recordou

paisagem de um hospital; outro rememorou o exemplo de uma enfermeira bondosa; duas senhoras se lembraram da caridosa missão de Vicente de Paulo. *Entre as pessoas que se mantinham impermeáveis, duas contristavam-se pela perda de uma sessão de cinema, e uma senhora retinha a mente nas ocupações domésticas, que supunha imperiosas e inadiáveis... Somente Eulália recebia o apelo do comunicante com mais nitidez. Sua mão começou a escrever, em caracteres irregulares, denunciando o natural conflito de “dois cosmos psíquicos” empenhados num só objetivo. // Mais alguns momentos, e fazia-se a leitura do pequeno texto obtido: “ que Deus vos abençoe. Cada pequenina demonstração de esforço próprio, nas realizações da caridade, receberá do Senhor a Divina Bênção. Aprendamos, pois, a socorrer nossos amigos doentes. ” / O presidente da sessão iniciou o estudo e o debate da mensagem. *Concordou-se em que era edificante, mas não apresentava índices conclusivos da identificação individual.* Um médico usaria nomenclatura adequada... E a tese animista apareceu como tábua de salvação para todos. / O comunicante, desapontado, comentou: --‘Ora essa! Jamais desejei despertar semelhante polêmica. Bastar-nos-ia um pouco de amor pelos enfermos, nada mais!’ (C)‘Nossos amigos encarnados nem sempre examinam a situação pelo prisma da justiça real. Eulália é colaboradora preciosa e sincera. Auxiliemo-la sem detença.’ / *A destra do Assistente espalmada sobre a cabeça de nossa irmã expidiu brilhantes raios. A mente da médium como que se introvertia, desinteressando-se da conversação em torno. Calderaro lhe falou carinhosamente: --‘Eulália, não desanimes! A fé representa a força que sustenta o espírito na vanguarda do combate pela vitória da luz divina e do amor universal. Nossos amigos não te acusam: tão somente dormem na ilusão e sonham, apartados da verdade. Mais tarde despertarão... É necessário amar e perdoar sempre. Não desfaleças! O Eterno Pai te abençoará.’ / Reparei que Eulália não registava as palavras com os tímpanos da carne. As frases do instrutor represavam-se-lhe no cérebro e no coração, quais pensamentos sublimes que caíam do céu. E ela respondia do fundo da alma, embora os lábios se cerrassem: --‘Trabalharia até ao fim. O serviço da verdade pertence ao Senhor e não aos homens. Receberia as objeções, transformando-as em auxílios. Dar-se-ia pressa em reconhecer os próprios erros, rendendo graças pela oportunidade de corrigi-los. Que lhe importavam as dificuldades, se lhe pulsava um coração disposto a amar? Ao termo da experiência terrestre, haveria suficiente luz para todos. Cumpria-lhe crer, trabalhar, amar e esperar no Divino Senhor.’ / (C)‘Nossa irmã está bem, louvado seja Deus! Nos lobos frontais, André, exteriorização de centros perispiríticos importantes, repousam milhões de células, à espera do esforço humano, para funcionar no setor da espiritualização.’**

10. Dolorosa Perda

Aflito coração materno dirigiu-se ao Assistente: --‘Calderaro! Ampara minha desventurada filha!’ (C)‘Oh! Teria piorado?’ / ‘Muito! Observo que enlouqueceu de todo...’ // Prometeu o orientador correr à doente em breves minutos, e disse-me: --‘Criada com mimos excessivos, a jovem desenvolveu-se na ignorância do trabalho e da responsabilidade. Sem a proteção espiritual peculiar à pobreza, sem os abençoados estímulos dos obstáculos materiais, e tendo, contra as suas necessidades íntimas, a profunda beleza transitória, a pobrezinha renasceu seguida de perto por um cúmplice de faltas graves, desde muito desencarnado. E luta por desfazer-se de filhinho imaturo, advindo sem a custódia do casamento, o mesmo comparsa do pretérito. Cecília (Ce), a demente, recolheu da levandade mesma o recurso capaz de retificar-lhe a vida. Entretanto, os laços entre mãe e filho presuntivo são de amargura e ódio.’ // Penetramos aposento confortável, onde, no leito, jovem mulher debatia-se em convulsões atroztes. A genitora informou-nos: --‘A situação é muito grave! Ajudem-na por piedade!’ / O Assistente inclinou-se para a doente e recomendou-me cooperar no exame. *A paisagem orgânica era das mais comoventes. A compaixão dispensar-nos-á da triste narrativa referente ao embrião prestes a ser expulso. A situação da jovem era deplorável. Todos os centros endócrinos estavam em desordem. Nos lobos frontais, a sombra era completa; no córtex encefálico, a perturbação era manifesta; somente nos gânglios basais havia concentração de energias mentais. Deles desciam estíletos escuros, que assaltavam as trompas e os ovários. / Sintonizando com a enferma, ouvia-lhe as afirmativas cruéis: --‘Odeio! ... odeio este filho intruso que não pedi à vida!... Expulsá-lo-ei!’ / A mente do filhinho suplicava: --‘Poupa-me! Ajuda-me!... pagar-te-ei com amor!... tem caridade!...’ / ‘Nunca! Amaldiçoado sejas! Prefiro morrer a receber-te nos braços! Detesto-te! Morrerás!’ // Em seguida, Cecília dirigiu-se à enfermeira: --‘Estou cansada, **Liana**, exijo a intervenção esta noite.’ / ‘Oh! Mas assim, nesse estado?’ / ‘Sim. Meu pai não pode saber disso, e odeio esta situação.’ / A jovem sorveu um sedativo, que a companheira lhe oferecera por nossa sugestão, e, desligada do corpo, passou a ver-nos, graças a fluidos aplicados pelo Assistente sobre seu aparelho visual. / A matrona desencarnada avançou, abraçou-a e pediu ansiosa: --‘Filha querida, venho a ti, para que te não abalances à sinistra aventura que planejas. Socorre-te da consciência, antes de tudo! Não abandones a coragem, a fé, o desassombro! Resigna-te! Não será melhor a coroa de espinhos na frente que o monte de brasas na consciência? Muitas vezes, no silêncio e na obscuridade da proscricção social, logramos a felicidade de conhecer-nos. Ouve, Cecília! Não isoles o cérebro do coração, a fim de que teu raciocínio se beneficie com o sentimento. Toma a tua cruz e segue para a compreensão mais alta!’ (Ce)‘Como não me disseste isso antes? Favoreceste-me o ócio. Não tenho coragem de humilhar-me, e enfrentar a vergonha e a miséria será para mim pior que morrer.’ / A venerável senhora chorou com mais amargura e suplicou: --‘Perdoa-me pelo mal que te fiz, querendo-te em demasia... Ó filha querida, nem sempre o amor humano avança vigilante. Depois do sepulcro, o dia do bem é mais luminoso, e a noite do mal, mais densa e tormentosa. Aceita a humilhação como bênção, a dor como preciosa oportunidade. Não compliques o destino. Bem-aventurados os que chegam à morte crivados de cicatrizes que denunciam a dura batalha. Retorna, minha filha, a ti mesma; restaura a coragem e o otimismo. Ainda é tempo! Ainda é tempo!’ / A enferma, contudo, fez supremo esforço por tornar ao invólucro de carne, pronunciando palavras ríspidas e ingratas. (C)‘Infelizmente, minha amiga, o processo de loucura por insurgência parece consumado. Confiemo-la, agora, à Proteção Divina.’ / A doente dirigiu-se à enfermeira: --‘Não quero perder um minuto! Tive um pesadelo terrível, com minha mãe. Não! Irei até ao fim!’ // Com assombro*

nosso, a operação começou, com sinistros prognósticos... Verifiquei que o embrião reagia ao ser violentado. A mente do filhinho imaturo começou a despertar à medida que aumentava o esforço de extração. Raios escuros partiam, agora, também da organização embrionária. O filho que não chegara a nascer transformou-se em perigoso verdugo do psiquismo materno, provocando hemorragia violenta e abundante. Seu perispírito alcançou em movimento espontâneo a zona do coração, determinando choques tremendos. Ambos pareciam sintonizados na onda do ódio, dizendo ele, no auge da ira: --'Vingar-me-ei! Condenaste-me à morte, e minha sentença é igual. Não me quiseste para o serviço do amor... Portanto, serás novamente minha para a satisfação do ódio. Vingar-me-ei! Seguirás comigo!' (C)'Verificar-se-á a desencarnação dentro de algumas horas. O ódio extermina mais criaturas que os canhões... Consumou-se para ambos doloroso processo de obsessão recíproca, cuja extensão não se pode prever.'

II. Sexo

Acompanhei Calderaro a curioso centro de estudos, onde elevados mentores ministram conhecimentos a companheiros aplicados ao trabalho de assistência na Crosta. O portador da sabedoria, cercado de viva luminosidade, prelecionava sem afetação: "No exame das causas da loucura, a ignorância quanto à conduta sexual é dos fatores mais decisivos. Há milhões de almas que as angústias do sexo dilaceram todos os dias. Não podemos atacar esse problema a tiros de verbalismo, de fora para dentro. Os enigmas do sexo não se reduzem a meros fatores fisiológicos. Inútil é supor que a morte ofereça solução pacífica aos Espíritos em extremo desequilíbrio. A loucura em que se debatem não procede de simples modificações do cérebro; dimana da desassociação dos centros perispiríticos, o que exige longos períodos de reparação. A sede do sexo não se acha no corpo, mas na alma. Feminilidade e masculinidade constituem características das almas acentuadamente passivas ou francamente ativas. Na variação de nossas experiências adquirimos qualidades divinas, como sejam a energia e a ternura, a fortaleza e a humildade, o poder e a delicadeza, a inteligência e o sentimento, a iniciativa e a intuição, a sabedoria e o amor, até lograrmos o supremo equilíbrio em Deus. Nenhuma exteriorização do instinto sexual será destruída, senão transmudada no estado de sublimação; ele terá que dobrar-se aos imperativos da responsabilidade, da disciplina e da renúncia. Não desejamos preconizar normas rigoristas de virtude artificial. Nossa bandeira é, sobretudo, a do entendimento fraternal. O ciúme, a insatisfação, o desentendimento, a incontidência e a leviandade alastram terríveis fenômenos de desequilíbrio. A personalidade não é obra da usina das glândulas, mas produto da química mental. A endocrinologia não sanará lesões do pensamento. A genética, mais hoje, mais amanhã, poderá intervir na harmonia dos cromossomos; todavia, não atingirá a zona mais alta da mente feminina ou masculina, que manterá os característicos próprios, independente da forma exterior. É mister acender a luz da compaixão: praticar a medicina da alma. Como salvar doentes da alma, se o organismo social esmaga os enfermos com o peso de sua opinião e de sua autoridade? O amor espiritualizado, filho da renúncia cristã, é a chave: distribuamos a bênção do entendimento entre os homens. Lembremos aos corações desalentados que o sexo é, em face do amor, não mais que aparelho de manifestação. Por vezes vigoram os imperativos da prova benéfica, em que estudantes, devedores e missionários se obrigam a longas fases de fome e sede do coração. Isso, porém, não é obstáculo ao amor. A construção da felicidade real não depende do instinto satisfeito. Ensinemo-los a libertar a mente das malhas do instinto. Fixar o pensamento no sexo torturado é estacionar no trilho evolutivo. Bastará à criatura o abandono da ociosidade, que por si mesma combaterá a nefanda ignorância. O cativo nos tormentos do sexo é questão da alma, que demanda processo individual de cura. Os escravos das perturbações do campo sensorial só por si mesmos serão libertados, isto é, pela dilatação do entendimento, pela aplicação do "amai-vos uns aos outros." // Notei que a preleção terminara, quando um companheiro, reverente, consultou o mentor relativamente aos conceitos da psicanálise de Freud. O sábio instrutor esclareceu: --'A psicologia analítica centralizou o ensino no impulso sexual. Duas outras escolas, que se ligavam inicialmente aos ensinamentos de Freud, se diferenciaram na interpretação: uma destaca o anseio de relevo pessoal, e a outra o impulso de vida superior que tortura o homem. As três escolas são portadoras de certa dose de razão, faltando-lhes, todavia, o conhecimento do reencarnacionismo. Não podemos afirmar que tudo, nos círculos carnis, constitua sexo, desejo de importância e aspiração superior; no entanto, podemos assegurar que tudo, na vida, é impulso criador: todos somos depositários de faculdades criadoras. Mais da metade dos encarnados, de mente fixa na região dos instintos, concentram suas faculdades no sexo. Muitas criaturas, havendo conquistado a razão, acima do instinto, permanecem nos desatinos da prepotência, seduzidas pelo capricho autoritário, famintas de evidência e realce. Pequeno grupo, por fim, regendo as energias próprias, em pleno regime de responsabilidade, passa a fixar-se na região sublime da superconsciência, não mais encontrando alegria integral no contentamento do corpo ou na evidência pessoal. Pressentem a Divindade e anseiam pela identificação com Ela. De um modo ou de outro, porém, tudo isso são sempre as faculdades criadoras, herdadas de Deus. Se Freud avançou muito, no campo da investigação de certos enigmas do psiquismo humano, lhe faltou a chave da reencarnação, para solucionar as questões da alma. Impossível é resolver o tema em caráter definitivo, sem as noções de evolução, aperfeiçoamento, responsabilidade, reparação e eternidade. É imprescindível considerar a realidade da reencarnação e da imortalidade.'

12. Estranha Enfermidade

Calderaro me conduziu a elegante aposento, onde um cavalheiro, de nome **Fabício (F)**, repousava. (C)'Chegaste a examinar casos de esquizofrenia? Originando-se de sutis perturbações do perispírito, traduz-se no vaso físico por surpreendente número de moléstias. Repara além dos efeitos mutáveis; analisa a mente e os domínios das sensações.' / Lancei a sonda de minha observação sobre os quadros interiores do enfermo. Ensimesmado, Fabício não se dava conta do plano externo; no íntimo, todavia, a zona mental semelhava fornalha

ardente. A imaginação superexcitada detinha-se a ouvir o passado... Verificava-lhe os estragos orgânicos, resultantes do uso intensivo de analgésicos. Aquele homem devia estar duelando consigo mesmo, desde muitos anos. (C) 'Está no limiar da loucura. Teve a infelicidade de apropriar-se indebitamente de grande herança, depois de haver prometido ao genitor moribundo zelar pelos irmãos mais novos. Ao se sentir senhor da situação, porém, desamparou os manos e expulsou-os, valendo-se de rúbulas bem remunerados. Escapou à justiça terrena; entretanto, não pôde eliminar da consciência os resquícios do mal praticado. Quando tentava erguer-se a plano superior, desejoso de orar ao Altíssimo, era surpreendido por dolorosas advertências, no sentido de inadiável correção da falta cometida. Interessou-se tardiamente pelo destino dos irmãos, que o haviam precedido na grande jornada do túmulo. O infeliz fixou-se nas zonas mais baixas do ser. Perdeu as ambições nobres, os ideais sadios e os recursos da esperança. Sem o espírito de possuir para dar em nome do Bem Universal, começou a ver perseguidores em toda parte. O excesso de recursos materiais fê-lo descrente da amizade sincera, conferiu-lhe noções de privilégio que nunca mereceu, acentuou-lhe a independência destrutiva, extinguiu-lhe no coração a bendita luz do verbo "servir". O sistema nervoso mais não é que a representação de importante setor do organismo perispiritual. A mente falida de Fabrício intoxicou esses centros vitais, atingindo as sedes das conquistas mais recentes da personalidade, isto é, as células mais jovens, que se localizam nos lobos frontais e no córtex motor, obrigando-o a regredir para dentro de si mesmo. Sua mente estaciona em plena região instintiva.' / 'Mas não haverá esperança de equilíbrio para ele?' / 'Absolutamente não. O Espírito delinqüente pode receber colaboração, mas será imperiosamente o médico de si mesmo. Para os familiares e amigos, é um esquizofrênico; para nós é um companheiro acidentado na ambição inferior. Estamos aqui a fim de proporcionar-lhe morte digna. Fabrício desposou uma criatura credora de amparo celestial, que lhe deu três filhos, aos quais ele se consagrou nobremente. As preces da companheira e dos filhos lhe garantem uma "boa morte". Preparamos acesso à trombose pela calcificação de certas veias.' / 'E o resgate, como se dará?' / 'Já começou, espera!' // (F) 'Inês, posso ver o Fabricinho?' / 'Sim, vou buscá-lo.' // A companheira de Fabrício logo voltou, trazendo um menino de oito anos: --'Está melhor, vovô?' / 'Sim. Fabricinho, desejo que você reze por mim...' // O petiz disse a oração dominical. O avô, então, perguntou: --'Você acredita que Deus perdoa os pecadores como eu?' / 'Eu penso que Deus perdoa sempre...' // (C) 'Esse menino é o ex-pai de Fabrício, que volta ao convívio do filho delinqüente pelas portas da reencarnação. Assumirá a direção dos patrimônios da família. A Lei jamais dorme.' / 'Como se redimirá, por sua vez, o velho Fabrício?' / 'Experimentará, por muito tempo, os resultados de sua queda, até que o sofrimento alije os elementos malignos que lhe intoxicam a alma. Quando esse serviço purgatorial estiver completo, então...' / 'Regressará ao convívio dos familiares?' / 'Se o grupo consanguíneo atual se houver elevado a luminosas culminâncias, será compelido a esforçar-se por alcançá-lo. Entretanto, jamais estará desamparado. Temos todos a imensa família, dentro da qual nos integramos desde a origem: a Humanidade.'

13. Psicose Afetiva

Seguindo Calderaro, fomos atender infortunada irmã quase suicida. (C) 'Pobrezinha! Não lhe faltará a Divina bondade. Tudo preparou de modo a fugir pelo suicídio; entretanto, as forças divinas nos auxiliarão a intervir... É Antonina (A), abnegada companheira de luta. Órfã de pai, passou a infância e a primeira juventude em sacrifícios enormes. Gustavo, rapaz que se valeu de sua amorosa colaboração durante 7 anos, após a jornada universitária sentiu-se demasiado importante para ligar seu destino ao de modesta moça; declarou que pretendia alguém que não fosse operária. Tenho instruções para impor-lhe o sono, logo depois da meia noite.' // Passou a administrar-lhe aplicações fluídicas ao longo do sistema nervoso simpático. Antonina tentou levantar-se, mas não conseguiu. Duas entidades aureoladas de intensa luz deram entrada no recinto. Eram Mariana, que fora genitora de Antonina, e Márcio (M), Espírito ligado a ela desde séculos remotos. Mariana recolheu-a de encontro ao peito. (A) 'Mãezinha, ajude-me! Não quero mais viver na Terra!... Sou infeliz...' / Acercou-se Márcio, pousou-lhe a destra sobre a fronte e falou com ternura: --'Por que esse desânimo, quando a luta redentora apenas começa? Recusas a "porta estreita", que nos proporcionará o venturoso acesso ao reencontro? Não forces a situação! Não nos bastará o presente, cheio de abençoado serviço e renovadora luz? Aproveita os minutos na recomposição do destino, vale-te das horas para reconduzir tuas aspirações a esferas superiores. Jamais foste esquecida. Recebeste mil recursos da Providência, indispensáveis ao serviço da redenção. Ignoras, querida, a felicidade do sacrifício, renegas a possibilidade de amar?' (A) 'Tenho sonhado com a posse de um lar... Idealizo receber de Deus filhinhos que eu possa acariciar!' / 'Abnegada amiga, não permitas que a sombra de algumas horas te empanem a luz dos séculos vindouros! O Senhor nos concedeu o sublime lar do mundo inteiro. A Humanidade é nossa família, os filhinhos da dor nos pertencem. Declaras-te deserdada e infeliz, e, no entanto, ainda não recenseaste as possibilidades sublimes que te rodeiam. Por que tamanho exclusivismo? Não enxergaste, até hoje, as crianças abandonadas? Por que não te fazes tutora espiritual dos pequenos necessitados e sofredores? Sofres em tua organização, que orientaste para o personalismo, porque um homem te relegou ao esquecimento. Mas... dar-se-á presumas no sexo a fonte exclusiva do amor, que é sol divino a irradiar-se através de todas as magnificências da alma? Amurados no egoísmo feroz, não sabemos perder por alguns dias, para ganhar na eternidade, nem ceder valores transitórios, para ganhar os dons definitivos da vida. Por que razão esperar os rebentos da carne para exemplificar o verdadeiro amor? Jesus não os teve, e, no entanto, todos nos sentimos tutelados de sua infinita abnegação. Prometes modificar as disposições mentais doravante?' / 'Comprometo-me a modificar minha atitude em nome de Deus.' // O instrutor ajudou-a a reapossar-se do envoltório fisiológico, cercando-lhe o cérebro de emanações anestésicas, para que ela não recordasse todas as particularidades da noite. (C) 'Se guardasse a lembrança integral, provavelmente, enlouqueceria de ventura. As alegrias vividas serão arquivadas sob a forma de forças e estímulos novos.' // Um dos pequenos sobrinhos de Antonina veio despertá-la,

sentindo-se ela outra pessoa, quase feliz: ‘os filhinhos da irmã não lhe pertenciam, igualmente?’ (A) ‘Espera! Já vou, meu filho!’

14. Medida Salvadora

Certo companheiro se abeirou de nós e informou: --‘**Antídio** permanece em derrocada quase total: voltou aos desacertos noturnos, vinculado a elementos da sombra... Logo que se viu fortalecido, mercê de sua última intervenção, tornou aos alcoólicos, pela instigação dos vampiros; seu perispírito, semi-liberto do corpo pela embriaguez, povoa-lhe a mente de atos pesadelos.’ (C)‘**Se da outra vez lhe restituímos o equilíbrio orgânico, agora convém ministrar-lhe provisória e mais acentuada desarmonia ao corpo.**’ // Rumamos para o local em que deveríamos socorrer o amigo transviado. O ambiente sufocava, pelas desagradáveis emanações. Alguns pares dançavam; porém não bailavam sós: correspondiam, inconscientemente, a ridículos gestos dos acompanhantes irresponsáveis que lhes eram invisíveis. (C)‘O ato de dançar, André, pode ser tão santificado como o de orar; aqui, no entanto, significa retorno aos estados primitivos do ser, na viciação dos sentidos.’ // Numa saleta abafada, encontramos Antídio, que jazia a tremer. Quatro entidades embrutecidas submetiam-no aos seus desejos, para experimentar as emanações alcoólicas. Estaríamos diante de um homem embriagado ou de uma taça viva, cujo conteúdo sorviam gênios satânicos do vício? Semi-desligado do organismo denso, Antídio passou a identificar-se mais intimamente com as entidades que o perseguiram: --‘Salvem-me! Oh! Os morcegos! Afugentem-nos! Salvem-me! Piedade!’ (C)‘É deplorável pai de família que, incapaz de reagir contra as atrações do vício, se entregou, inerte, à influência de malfeitores desencarnados. Usaremos de recursos drásticos. Será amparado pela enfermidade.’ / Passou a aplicar-lhe eflúvios luminosos sobre o coração, que acusou parada súbita. Antídio parecia prestes a desencarnar, quando o orientador lhe restituiu as energias, em movimentação rápida. (C)‘Será portador de uma nevrose cardíaca por 2 a 3 meses. Conhecerá intraduzível mal-estar, de modo a restabelecer a harmonia do cosmo psíquico. Que fazer? As mesmas Forças Divinas que concedem ao homem a brisa cariciosa, infligem-lhe a tempestade devastadora, ambas indispensáveis à glória da vida...’

15. Apelo Cristão

Na véspera da prometida visita às cavernas de sofrimento, Calderaro me convidou a ouvir a palavra do Instrutor **Eusébio**, que se dirigiria a algumas centenas de companheiro católicos e protestantes, ainda em trânsito na esfera carnal. Não cultei a estranheza, mas o mentor explicou: --‘**A Proteção Divina não conhece privilégios. Não é a confissão religiosa que nos interessa, senão a revelação de fé viva, a atitude positiva da alma na jornada de elevação.** Não esqueça que, acima de tudo, nos empenhamos numa obra educativa. Salvar alguém, ou socorrê-lo, não significa subtrair o interessado à oportunidade de luta, alçamento ou edificação.’ // Alcançamos o campo tranqüilo, onde o emissário se fazia ouvir. O luar balsamizava docemente o arvoredo. Eusébio já havia iniciado a preleção, e falava com irresistível poder de atração: “ Ser cristão, outrora, simbolizava exemplificar o padrão de conduta consagrado pelo Mestre Divino. Constituía ininterrupto combate ao mal, com as armas do bem, manifestação ativa do amor contra o ódio. Os seguidores do Evangelho não se expunham a polémicas mordazes... Entreamavam-se em nome do Senhor, e ofereciam a própria vida, em penhor de gratidão Àquele que não trepidava em seguir para a Cruz, por amor de todos nós. Sabiam perder vantagens transitórias, para conquistar os imperecíveis tesouros celestiais. Pouco a pouco olvidastes as portas da Revelação Divina em troca das comodidades humanas. Construístes barreiras entre vós, intoxica-vos o dogmatismo... Antigamente, os companheiros do Cristo disputavam a oportunidade de servir; na atualidade, procurais as mínimas ocasiões de serdes servidos. Por que estranhas convicções supondes conquistar o paraíso, à força de afirmativas labiais? Como admitir a redenção ao preço de simples palavras a que nenhum significado objetivo emprestais pelas atitudes? O Evangelho, em suas bases, guarda a beleza do primeiro dia. Sofisma algum conseguiu empanar o brilho do “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”... Em vão ergueis castelos de opinião para o verbalismo sem obras. Não julgueis esteja a fé consagrada ao menor esforço. Como invocar o nome de Jesus para justificar os desvarios da separação por motivos de fé? Em todos os setores, onde a Sementeira do Cristo desabrocha, é possível honrar a Divina Lei, gravando-lhe os parágrafos sublimes no coração. Convertamo-nos em verdadeiros irmãos uns dos outros. Fugi ao farisaísmo moderno que se recusa ao auxílio fraternal, em nome do gênio satânico do cisma dogmático. O irmão caído é nossa carga preciosa, a dificuldade é nosso incentivo santo, a dor nossa escola purificadora. Livrai-vos do raciocínio que calcula sem amor. A salvação é contínuo trabalho de renovação e de aprimoramento. Ao mundo atormentado proclamemos a nossa fé em Jesus Cristo para sempre!...” / Eusébio, ao terminar, estava aureolado de prodigiosas emissões de luz.

16. Alienados Mentais

Calderaro convidou-me a visitar grande instituto consagrado ao recolhimento de alienados mentais, na Esfera da Crosta. (C)‘**Excetuados os casos puramente orgânicos, o louco é alguém que procurou forçar a libertação do aprendizado terrestre, por indisciplina ou ignorância.** Temos nesse domínio um gênero de suicídio habilmente dissimulado. Diante da dor, do obstáculo ou da morte, milhares de pessoas capitulam, entregando-se, sem resistência, à perturbação destruidora, que lhes abre as portas do túmulo.’ // Compungia-me observar a promiscuidade entre enfermas encarnadas e as entidades infelizes, que ali se acotovelavam. Uma velha, mostrando acerba ferocidade no olhar, dizia a duas companheiras: --‘O Imperador está interessado no meu caso e punirá os culpados. Todos pagarão!’ (C)‘Ela já possuiu títulos de nobreza em existência anterior; situou-se mentalmente em zonas mais baixas da personalidade, passando a residir, em pensamento, no pretérito de mentiras brilhantes. Anote o refúgio de todos os que se esquecem dos deveres presentes, pretendendo escapar aos imperativos da realidade educadora. Não asseguro que seja esse o fator exclusivo: muitos atravessam o pavoroso túnel premidos

por provas retificadoras. Mas a maioria encetou o pungitivo drama em si mesma: são irmãos revoltados ante os desígnios superiores. Para que se ilumine o Espírito é indispensável deslocar a mente, revolver as idéias, renovar as concepções e modificar para o bem o modo íntimo de ser. ... 90 % dos casos de loucura começam nas conseqüências das faltas graves que praticamos, com a impaciência ou com a tristeza. Instaladas essas forças desequilibrantes no campo íntimo, inicia-se a desintegração da harmonia mental. Ao delinqüirmos, podemos precisar o instante exato de nossa penetração na desarmonia; jamais saberemos, porém, quando soar o momento de abandoná-la. No retorno à estrada reta, através dos atoleiros em que chafurdamos, por indiferença e má fé, não podemos prefixar calendários para a volta: implicamo-nos em jogos circunstanciais, de que só nos despeamos após doloroso reajustamento. Milhões de irmãos nossos permanecem, séculos afora, na fase infantil do entendimento, por não se animarem ao esforço de melhoria própria. O desequilíbrio começa na inobservância da Lei. O louco, em geral, é alguém que se negou as bênçãos da experiência humana, preferindo segregar-se nos caprichos mentais.'

17. No Limiar das Cavernas

Reunidos à comissão socorrista, que operaria nas cavernas de sofrimento, fui surpreendido pela expressão da irmã Cipriana, que chefiava as atividades: --'Pretende o irmão André seguir em nossa companhia?' (C)'O próprio Instrutor Eusébio lembrou a conveniência de André visitar os abismos purgatoriais.' (C)'A sugestão de Eusébio é valiosa em se tratando de observações no Baixo Umbral; não posso, por enquanto, admiti-lo em todas particularidades do serviço: André não tem o curso de assistência aos sofrendores nas sombras espessas. No entanto, cada situação a que somos conduzidos é portadora de ocultos ensinamentos para nosso bem. Se Eusébio foi levado a sugerir esta oportunidade, é que André Luiz tem nestes sítios urgente serviço a prestar. Convido o Irmão Calderaro a permanecer com ele no limiar das cavernas, sem descerem conosco.' // Em face da solução apresentada, alegria geral voltou a confortar-nos. Seguimos na direção de zona medonhamente sombria. Estaríamos acaso alcançando a "selva escura" a que se referira Alighieri? Laceravam-me o coração as vozes lamentosas a se evolverem para o céu de fumo! Estacamos em enorme planície pantanosa. Não me era possível calcular a extensão da várzea. / Abraçando-me, a diretora disse gentil: --'Desejo-te, meu amigo, feliz êxito no estudos.' / Logo após, Calderaro e eu nos achávamos a sós na atra vastidão povoada de habitantes estranhos. A paisagem era francamente impressionante pelos característicos infernais que nos circundavam. Certos grupos de infelizes volitavam a pequena altura. (C)'Funcionam, por aqui, inúmeros postos de socorro e variadas escolas, em que muita gente pratica a abnegação. Não te surpreendas: a volitação depende, fundamentalmente, da força mental armazenada pela inteligência; contudo, os vãos altíssimos só se fazem possíveis quando à intelectualidade se alia o amor sublime. Há Espíritos perversos com vigorosa capacidade volitiva. São donos de imenso poder de raciocínio e manejam certas forças da Natureza. No que se refere, entretanto, às entidades admitidas à nossa colônia, ainda incapacitadas de usar tal vantagem, o fato é natural. É mais fácil recolher criaturas de maiores cabedais de amor com reduzida inteligência, e convivermos com elas, do que abrigarmos pessoas sumamente intelectuais sem amor aos semelhantes. No capítulo da volitação, portanto, impende observar os ascendentes mentais.' / 'Mas... e as necessidades de subsistência?' / Nada lhes falta quanto às exigências fundamentais, como ocorre num nosocômio da esfera carnal. Temos aqui infindas fileiras de loucos que voluntariamente se arredaram das realidades da vida. Já viste em nossa colônia espiritual irmãos sofrendores convenientemente tratados; alguns sofrem estranhas perturbações alucinatórias, outros são guardados à maneira de múmias perispiríticas. Aqui, no entanto, se congregam verdadeiras tribos de criminosos. Muitos são inteligentes e, intelectualmente falando, esclarecidos, mas, sem réstea de amor que lhes exalte o coração, erram de pesadelo em pesadelo... O Érebo [inferno] da concepção antiga é perigosa ilusão; entretanto, os lugares purgatoriais constituem realidades lógicas nas zonas espirituais do mundo. Aqui, o avarentos, os homicidas, os cúpidos e os viciados se agregam em deplorável situação de cegueira íntima. Autoridades de nossa esfera improvisam tribunais com funções educativas, cujas sentenças culminam sempre em trabalho regenerador, em reencarnação na Crosta ou tarefas laboriosas no seio da Natureza. Deste vastíssimo arsenal de alienação sai o maior coeficiente das encarnações dolorosas que povoam os círculos carnis.' // Aproximou-se de nós enorme e barulhenta colmeia de sofrendores, positivamente loucos. (C)'Esses infelizes permanecem jungidos uns aos outros em obediência a afinidades quase perfeitas. Esse bando é constituído de antigos negociantes, cujo exclusivo anseio foi amontoar dinheiro. Despreocuparam-se do valor do tempo em relação ao aprimoramento da alma.' // Condoí-me. Quis deter alguns, confabular com eles, esclarecê-los... (C)'Que fazes? Seria inútil. Impossível é reajustar, num momento, apenas com palavras, tantas mentes em desequilíbrio cruel.'

18. Velha Afeição

Curiosa assembléia de velhinhos se postou ao nosso lado. Esfarrapados, esqueléticos, mostravam carantonhas de aspecto lamentável. Cochichavam, maliciosos e desconfiados. Um deles dizia, segurando punhados de lodo: --'Todo este ouro permanece à mercê dos ladrões!' (C)'São usurários desencarnados há muitos anos. Enlouqueceram na paixão de possuir, acabando escravos de monstros mentais de formação indefinível.' // Um dos anciãos alçou a voz, ponderando se todos nós estaríamos sendo vítimas de um pesadelo. Oh! Aquela voz! Pavorosa dúvida se apoderou de mim. Quem estaria louco, aquele velho ou eu? Aquele Espírito desventurado recordava meu avô paterno **Cláudio (Cl)**, que se afeioara a mim, desde meus mais tenros anos. Fizera fortuna em ágios escandalosos. Num átimo, veio-me à memória seu descesso. Reconheci que vigoroso faz me unia àquele desgraçado. / Um companheiro gritou-lhe: --'Pesadelo, nunca! Ó Cláudio, não te sensibilizes tanto!...' / Seu nome fora pronunciado. A confirmação estarrecera-me; quis gritar, mas não pude... (C)'André, já sei de tudo. Entendo agora a significação de tua vinda a estas paragens: Irmã Cipriana tinha razão. Não temos tempo a perder. O velho

revela-se receptivo. Ajudemo-lo. Urge auxiliar-lhe a visão para que nos enxergue. E passou a aplicar fluidos sobre os olhos do meu desditoso ascendente.’ (Ci) ‘Oh! Que luz diferente! Donde vindes? Sois Padres?’ [Certo, aludia às túnicas muito alvas com que nos apresentávamos.] / ‘Meu amigo, sois Cláudio M..., antigo fazendeiro nas vizinhanças de V...?’ / ‘Sim, conheceis-me? Quem sois? Desde muito estou preso nesta região misteriosa, referta de perigos e de monstros, mas abundante de ouro. Oh! Por piedade! Ajudai-me a sair!... quero voltar...’ / ‘Cláudio M..., sois vítima de lamentável engano. Vossa casa antiga cerrou-se com os olhos físicos que já desapareceram.’ / ‘Bem o sinto. Será o castigo? Minha falta para com **Ismênia (I)** exigia punição.’ / ‘A quem vos referis?’ / ‘À minha irmã, cujos direitos espezinhei. Ao morrer, meu pai confiou-me uma irmã, que não era filha legítima de nossa casa. Minha mãe, dedicada e santa, criou-a com o mesmo desvelo que a mim mesmo. Quando me vi, porém, sozinho, escorracei-a do ambiente doméstico... E agora?!... Meus familiares olvidaram-me o devotamento. Só uma pessoa no mundo se recordará de mim e me estenderá mãos protetoras se soubesse do meu paradeiro. Meu neto André Luiz era a luz de meus olhos...’ // Ah! Não mais valeram sinais de Calderaro para que me contivesse, esperando ainda mais. Meu peito como que rebentara numa torrente de pranto irreprimível. Lembrei-me do meu avô, acariciando-me os cabelos. Dirigi súplice olhar ao Assistente, rogando-lhe me perdoasse. Ele sorriu e entendeu tudo. **Quem terá perdido, de todo, a expressão infantil, se o próprio Cristo, Supremo Guia da Terra, abriu tenros braços, um dia, no berço da manjedoura?** Senti-me novamente menino. Ajoelhei-me, cobri de beijos as mãos do meu trêmulo benfeitor e perguntei: --‘Vovô Cláudio, pois o senhor não me reconhece mais?’ / Impossível descrever o que se passou. Meu Espírito respirava o reconhecimento sincero e o amor puro. Amparado por Calderaro, que também enxugava lágrimas discretas, sustentei meu avô nos braços, como se transportara precioso fardo que me era doce e leve ao coração.

19. Reaproximação

Quando Cipriana regressou, encontrou-me banhado em lágrimas, e ouviu a narrativa de meu avô semi-lúcido. (Ci) ‘Sabia, André, que **não terias vindo para nenhum resultado. Cumprir internar o doente já, em algum recolhimento, aqui mesmo.**’ / Auscultou o velhinho e disse: --‘Nosso enfermo, para melhorar com mais rapidez e eficiência, deveria retornar à experiência carnal.’ / ‘Poderíamos merecer seu auxílio, Irmã?’ / ‘Como não? Em se tratando de reencarnação por meras atividades reparadoras, sem maior projeção nos interesses coletivos, nosso concurso pessoal pode ser mais decisivo e imediato. Já conhecemos dois pontos essenciais: A necessidade de reaproximação com Ismênia, e o imperativo de pobreza extrema, com trabalho intensivo, para que reedifique as próprias aspirações.’ // Recomendou a dois companheiros que fizessem rápida investigação, na Crosta, relativamente ao paradeiro de Ismênia. Logo regressaram, com a notícia que ela vivia na fase juvenil das forças físicas. A esse tempo já nos achávamos numa organização socorrista. (Ci) ‘Nosso amigo, durante dois anos, não poderá ausentar-se desta casa de assistência fraterna. Permanece ainda identificado com a atmosfera destes sítios. Tentemos trazer Ismênia até aqui, para os trabalhos de reaproximação.’ // Em plena madrugada, entramos em humilde residência, atual moradia da ex-irmã de meu avô. Cipriana colocou a destra sobre a fronte da jovem adormecida, como que a chamá-la até nós. (I) ‘Mãe celestial, quem sou eu para receber a graça de vossa visita?’ (Ci) ‘Minha filha, sou apenas tua irmã, tua amiga... Ouve! Quais são tuas intenções na vida? Precisamos de tua colaboração e não desejamos ser amigos inúteis. Em que te podemos servir?’ / ‘Minha mãe, se eu puder rogar-vos alguma coisa, peço-vos auxílio para Nicanor. Somos noivos, mas somos pobres.’ / ‘Teus desejos são justos. Nicanor terá nosso amparo.’ / ‘Como poderia servir-vos, eu, mísera serva que sou?’ / ‘Vem conosco!’ // Cipriana cobriu-lhe o rosto com estreito véu, para que não visse as impressionantes paisagens que íamos atravessar. Sustentada por nós, logo viu-se a moça, curiosa e enternecida, ante meu avô, que exclamou: --‘Ismênia! Minha irmã, perdoa-me! Dize que me perdoas o mal que te fiz! Ismênia! Sou eu, Cláudio, teu desventurado irmão!’ / Nossa diretora envolveu-a em irradiações magnéticas. (Ci) ‘Revê o pretérito para bem servirmos à Obra Divina.’ (I) ‘Agora, sim! Lembro-me...’ / ‘E não tens piedade?’ // Alguns segundos de expectativa rolaram pesados; contudo, o amor, sempre divino na mulher de aspirações elevadas, triunfou no olhar enternecido de Ismênia, que, plenamente modificada, se abraçou ao doente, exclamando: --‘Pois és tu Cláudio, que te aconteceu?’ (Ci) ‘Cooperarás conosco em favor dele, recebendo-o nos braços abnegados de mãe, se a Lei Divina autorizar teu matrimônio?’ (I) ‘Se o Céu me conceder essa felicidade, o benefício será feito a mim mesma; será nosso primeiro e bem-amado filhinho. Partilhará nossa vida pobre e honrada. Será um pedreiro feliz, como Nicanor! Bem-aventurada sejas tu, querida filha, que compreendes conosco o celestial ministério da mulher nobre, sempre disposta à maternidade sublime.’ // Meus companheiros abençoaram-na, e eu, despedindo-me, osculei-lhe a destra minúscula, com indizível gratidão...

20. No Lar de Cipriana

Encerrada a semana de estudos, acompanhei Calderaro à benemérita fundação nas zonas inferiores, o ‘Lar de Cipriana’. Identificara moléstias cujas causas se prendiam às mais profundas raízes do espírito. Reconhecia, agora, que, para conseguir a sabedoria com proveito, era indispensável adquirir amor. / (C) ‘Irmã Cipriana idealizou este amável reduto de restauração espiritual, e concretizou-o usando os próprios irmãos sofrendores e perturbados, que vagueiam nas regiões circunvizinhas. A organização funciona sob a vigilância dos próprios companheiros que vão melhorando. A venerável instrutora montou aqui verdadeira oficina de restauração do Espírito. Daqui saem inúmeras reencarnações retificadoras.’ // Cercavam a nobre missionária diversas criaturas que lhe eram conhecidas. Um cavalheiro dizia-lhe, reverente: --‘Seguindo seus conselhos, não mais senti pesadelos. Renovei minha atitude para com os familiares: passei a colaborar, ao invés de combater.’ (Ci) ‘Agora, sim! O bem duradouro é filho da cooperação fraternal.’ / Simpática senhora falou: --‘Agora reparo que o mundo não foi edificado para mim, e que me cumpre trabalhar em benefício do mundo.’ (Ci) ‘Seu progresso

é visível. *O esquecimento de nossos caprichos pessoais dilata-nos a compreensão.* / Trêmulo velhinho dirigiu-se a ela: --'Irmã, ainda experimento os antigos achaques. Há instantes em que me sinto cair, perdendo a noção de mim mesmo...' (Ci) 'É natural. A situação melhorará. *Gastamos, às vezes, anos, armazenando impressões que naturalmente não se esvaem nalguns dias.*' // Notando-me a presença, informou, obsequiosa: --'André, o problema de nosso enfermo já foi providenciado. Além disso, nossos cooperadores estão instruídos quanto ao auxílio que devemos a Ismênia para a concretização de seus ideais.' / Agradei, confundido e sensibilizado, rendendo graças a Deus. // *O sinal da oração chamava-nos ao alegre e doce dever.* Cipriana assumiu a direção da prece. De alma genuflecta, vi-a de olhos erguidos para o alto, de onde jorrava intensa luz sobre sua fronte. Alcançados pelos fulgurantes raios que fluíam da esfera superior através de sua personalidade sublime, sentíamo-nos embalados por indizível suavidade... "*Senhor Jesus, permanente inspiração de nossos caminhos. Doador da Vida, distribuidor do Sumo Bem, ajuda-nos a combater o mal com as armas do Espírito. Mestre da Sabedoria, afugenta para longe de nós a sensação de cansaço à frente dos serviços que devemos prestar. Converte-nos em teus servidores humildes, onde estivermos. Mensageiro da Boa Nova, não permitas que nossos ouvidos adormeçam ao coro dos soluços dos que clamam por socorro nos círculos do sofrimento. Companheiro da Eternidade, abençoa-nos as responsabilidades e deveres. Dá-nos, Amado Jesus, o favor de servir-Te, e que o Supremo Senhor do Universo Te glorifique para sempre! Assim seja!*" // Fizera-se resplandecente o recinto do santuário. Maravilhosa coroa de brilhantes evanescentes cintilou, por instantes, na cabeça venerável daquela missionária do bem... Encerrada a reunião, Cipriana, com admirável simplicidade, veio despedir-se de mim. / Por que não dizer? Tinha meus olhos velados de pranto; *desejaria segui-la como filho reconhecido para sempre, tais a sabedoria e o amor que lhe transbordavam do Espírito glorificado.* / Calderaro foi o primeiro a abraçar-me, fazendo votos de boa viagem. Os demais companheiros saudaram-me, enternecidos. E, por fim, Cipriana apertou-me ao peito, beijou-me maternalmente, e disse com olhos húmidos: --'Que o Pai te abençoe. *Nunca esqueças a bondade no desempenho de qualquer obrigação. Estaremos unidos pelo espírito.*' // De volta aos trabalhos que me aguardavam, solitário e comovido, aspirei os perfumes da noite clara que se povoava de prodigiosas mensagens dos astros coruscantes...

Fim de "No Mundo Maior"